



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ALEX EDUARDO LEMOS

HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE: Os processos
de subjetividade da sexualidade em homossexuais
idosos



ARARAQUARA – S.P.
2015

ALEX EDUARDO LEMOS

HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE: Os processos
de subjetividade da sexualidade em homossexuais
idosos

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras– Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade

Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

ARARAQUARA – S.P.
2015

Lemos, Alex Eduardo

Homossexualidade e velhice: Os processos de
subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos / Alex
Eduardo Lemos. – Araraquara
65 p. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e
Ciências – Universidade Estadual Paulista, Araraquara,
2015.

ALEX EDUARDO LEMOS

HOMOSSEXUALIDADE E VELHICE: Os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Faculdade de Ciências e Letras–UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade

Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

Data da qualificação: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

Universidade Estadual Paulista- FCLAR.

Membro Titular: Prof^a Dr^a Luci Regina Muzzetti

Universidade Estadual Paulista- FCLAR.

Membro Titular: Prof^a Dr^a Maria de Fátima Aveiro Colares

Universidade de São Paulo- USP

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

“Eu sei o preço do sucesso: dedicação, trabalho duro, e uma incessante devoção às coisas que você quer ver acontecer”

Frank Lloyd Wright

Sou imensamente grato aos participantes / entrevistados dessa pesquisa que me levaram a refletir, questionar e compreender o desenvolvimento da sexualidade na terceira idade, e adentrar no que é mais precioso ao ser humano, à sua intimidade.

Considero-os como peça principal da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

“Quanto maior é o sofrimento do outro, mais temos que nos guardar para não impormos a ele nossas próprias “soluções”. Estar com o outro exige de nós a capacidade de nos identificarmos com sua dor sem roubar-lhe o precioso espaço de poder senti-la, transforma-la. Suportar a dor do outro é poder ir ao encontro da nossa própria dor”.

Evelin Pestana

Agradeço, em primeiro lugar, ao Ser Supremo, a qual não serei audacioso em nomeá-lo. Acredito ser um Ser que rege e ilumina meu caminho nessa jornada da vida;

A Gustavo Freitas que, de forma especial e carinhosa, deu-me força e coragem, apoiando-me nos momentos de dificuldades;

Aos meus pais, Antonio César e Gislene Lemos, a quem eu rogo todas as noites por minha existência e agradeço também as minhas irmãs Suelen, Andréa e Isadora que, embora não tivessem conhecimento específico do trabalho aqui proposto, de certa maneira inspiraram-me a buscar novos conhecimentos;

A minha sobrinha afilhada Lys Lemos;

E, não deixando de agradecer, de forma grata e grandiosa; agradeço a minha segunda família, a qual tenho imensa consideração e minha eterna gratidão, ao Sr. Vatercides Pimenta, a Sr^a. Roney de Freitas e a Daniela Freitas;

Agradeço, em especial, o prof. Dr. Fábio Tadeu Reina, que confiou e caminhou junto comigo neste processo de aprendizagem e conhecimento;

Sou grato a minha amiga e companheira de trabalho Jeanne, que indicou alguns participantes;

Agradeço os entrevistados que participaram da pesquisa, pela compreensão e atenção.

“Assim como estimo um adolescente no qual se encontra algo de um velho, assim aprecio um ancião no qual se encontra alguma coisa de um adolescente; aquele que seguir esta regra, poderá ser velho de corpo, não o será jamais da alma.”

Marco Túlio Cícero

RESUMO

Esta dissertação de mestrado investiga a construção da subjetividade relacionada à homossexualidade e ao envelhecimento de pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos. A partir de três entrevistas que foram analisados os processos de subjetividade da vida desses participantes enfocando-se expressões de sair do armário e os relatos da construção da subjetividade no contexto homossexual. Com base no aporte teórico da perspectiva sócio histórica e do desenvolvimento humano emerge a reflexão sobre sexualidade e envelhecimento no ambiente social, essa pesquisa reflete sobre a concepção desses indivíduos, as vivências, lembranças e experiências que demarcam essa geração, os vínculos afetivos, as atividades cotidianas e as práticas homoafetivas. Diante do estigma de ser homossexual e velho, examina-se como são as experiências relacionais e quais as perspectivas construídas por essas pessoas e identificar a produção de novas subjetividades quanto aos modos de vivenciarem esta fase da vida. Urge a necessidade de se trabalhar a sociedade e, especificamente, profissionais da saúde para ampliarem o conceito de sexualidade e não reduzi-la ao ato sexual em si, sendo ele parte e não o todo do conceito. O estudo nos oportunizou ver que é comum homossexuais sofrerem exclusão nos dias atuais, como a mídia evidencia diariamente, mostrando que muitos são, inclusive, submetidos a constrangimentos no momento em que expõem sua identidade em determinados locais, ou na presença de determinados grupos, chegando alguns a sofrer até mesmo agressões físicas, e vemos essa exclusão se intensificar nos casos de homossexuais que assumem posturas mais associadas com o feminino, assumindo um gênero discordante com o seu sexo.

Palavras-chave: Sexualidade. Homossexualidade. Velhice. Subjetividade

ABSTRACT

This dissertation investigates the subjectivity construction toward homosexuality and aging people with ages equal or more than sixty years. As from three interviews that were analyzed the life's subjectivity process these participants, focusing expressions "come out of the closet" and reports' subjectivity construction in homosexual context. Based on the theoretical contribution of socio historic perspective and human development, arise the reflection about sexuality and aging in the social environment, this research reflects about the conception from those individuals, experience (living; feeling), memories and experiences that mark this generation, the affective linkages, the daily activities and the homoaffectives practices. Before stigma of being homosexual and aged, it examines as the relational experiences are and what the perspectives built by those peoples and identify the production of new subjectivity about the way to experience this stage of life. There is an urgency to work the society and, specifically, the health professional, to broaden the concept of sexuality and not reduce it to the sexual act itself, it being part, and not the whole concept. The study provided an opportunity to see that is common homosexuals suffer exclusion on nowadays, as the media shows daily, showing that many are, including, subjected to constraints at the time they expose their identity in certain places, or in the presence of certain groups, reaching some suffering even, physical attack, and we see this exclusion is intensified in cases of homosexuals who take more positions associated with the feminine, assuming a discordant genre with their sex.

Keywords: Sexuality. Homosexuality. Old age. Subjectivity

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	12
2 DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	20
3 SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO.....	24
4 HOMOSSEXUALIDADE	31
5 ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE SEXUALIDADE.....	36
6 OBJETIVOS	41
6.1 Objetivo geral	41
6.2 Objetivos específicos	41
7 METODOLOGIA.....	42
7.1 Participantes e critérios de seleção	43
7.2 Coleta de dados	43
8 ANÁLISE DOS DADOS.....	45
8.1 História de vida dos participantes	45
8.1.1. <i>Participante 1</i>	45
8.1.2. <i>Participante 2</i>	45 <u>8</u>
8.1.3. <i>Participante 3</i>	45 <u>2</u>
9 RESULTADOS E DISCUSSÕES	54
9.1 Informações sócio-demográficas	54
9.2 Discussões dos dados da entrevista	54
9.2.1 <i>Sexualidade</i>	55
9.2.1.1 Definição.....	55
9.2.1.2 Vivência atual.....	57
9.2.1.3 Percepção de si.....	58
9.2.2 <i>Homossexualidade</i>	58
9.2.2.1 Discriminação	59
9.2.2.2 Sair do armário	59

9.2.2.3 Influências religiosas	60
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66
Anexo A.....	68
Anexo B.....	72

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 Perfil dos entrevistados	54
---	----

1 APRESENTAÇÃO

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”

Carl Jung

Falar de velhice na atual sociedade ainda parece um desafio, quanto dirá falar sobre a sexualidade de pessoas homossexuais na terceira idade. Ainda vive-se em uma sociedade que discrimina, nega e constrói conceitos que inviabilizam a existência de outras possibilidades de apreciar a sexualidade, e uma delas seria a homossexualidade. Vive-se numa sociedade que impõe o conceito heteronormativo e reprodutivo para corromper com outros paradigmas, excluindo as diferenças e reduzindo a sexualidade apenas em ato sexual. Esta pesquisa procurou analisar o processo de subjetividade da sexualidade em idosos homossexuais a partir da trajetória de vida de um homem e de duas mulheres homossexuais com idade igual ou superior a sessenta anos. O estudo buscou compreender a partir das narrativas, as experiências sociais e sexuais que foram analisadas no âmbito de suas definições, que formam a existência da homossexualidade no processo de vida até o envelhecimento.

A homossexualidade e o envelhecimento são tratados a partir dos aportes teóricos de autores alinhados à perspectiva da construção social e do desenvolvimento humano, com o intuito de enfatizar o processo longo e gradual das transformações, abordando a singularidade de cada pessoa, seus costumes, hábitos, e o sentido da vida. Presente, passado e futuro são demarcações individuais de existência de cada pessoa que incorporam lembranças do curso de vida, sentimentos, crenças, valores, atividades, desejos, fantasias, sociabilidades e práticas sexuais numa sociedade onde a vida jovem, o individualismo e o padrão heteronormativo são valorizados e exaltados como único caminho de se expressar e vivenciar a sexualidade.

Diante deste cenário compete investigar: como são as experiências cotidianas do homossexual idoso na trajetória da vida? De que forma o duplo preconceito, envelhecer e ser homossexual impacta a vida dos participantes? Ou, ao contrário, esses indivíduos gozam de novas possibilidades no âmbito do envelhecimento e da experiência homossexual no mundo contemporâneo? Que vivências, experiências e

possibilidades se apresentam e são construídas no conceito da homossexualidade de uma pessoa com mais de sessenta anos?

Os temas desta dissertação surgem como demanda e continuidade recente no processo formação profissional do pesquisador. Nesta trajetória, destaca-se os trabalhos de pesquisa de Iniciação Científica e trabalho de conclusão de curso, realizado com apoio do PIBIC-CNPq, entre agosto de 2011 e dezembro de 2012. Tal pesquisa relata o processo de subjetividade da sexualidade em mulheres idosas, a qual proporcionou conhecimento do universo da sexualidade em pessoas idosas, quebrando tabus, mitos e preconceitos, possibilitando questionar como seria o processo de subjetividade da sexualidade na terceira idade em pessoas homossexuais e/ou homoafetivas, lembrando que o termo homoafetivo foi criado para diminuir a conotação pejorativa que se dava aos relacionamentos homossexuais, e tornou-se uma expressão jurídica para tratar do direito relacionado a união de casais do mesmo sexo.

Apresentar-se-á alguns recortes importantes na construção desses trabalhos e o sentido que as participantes deram por terem sido socializadas na década de 50, ou seja, antes do movimento feminista e as chamadas revoluções sexuais, tiveram pais e familiares que escondiam dos filhos o tema sexualidade, de forma que os filhos cresciam com a ideia que era algo sujo e pecaminoso, e falar no assunto era algo errado.

Um dos fatores que influenciava e influência é a religião, pois a mesma tem para os seres humanos uma importância significativa, exercendo forte influência no comportamento da sexualidade. Conseqüentemente, a sexualidade na ótica da religião é compreendida numa perspectiva histórica, que possibilita facilitar o conhecimento em relação a seus valores, problemas, medos, conflitos, entre outros. A influência religiosa era uma forma de reprimir a educação sexual por meio de sua moralidade, julgando o que é certo e errado diante dos dogmas impostos.

No que se diz sobre a repressão sexual e a exclusão das mulheres das decisões sociais, bem como a submissão imposta naquela época, acarretaram ao gênero feminino sérias conseqüências, sendo algumas até hoje mal resolvidas, ou reprimidas em seu íntimo. Nesta pesquisa observamos as dificuldades das participantes que trouxeram o tema para conversarem com seus parceiros sobre o assunto da sexualidade.

Percebe-se que é fundamental que haja transformações nos modos de subjetivação relativos à sexualidade para que as pessoas, especialmente as idosas, que são as mais atingidas pelo reducionismo positivista relativo à sexualidade possam desfrutar dos anos tardios da existência com saúde física e emocional, obtendo qualidade de vida.

No que se refere à pesquisa do mestrado, houve muita dificuldade em selecionar os participantes, pois os temas abordados colocam em evidência o medo de se ridicularizar ou a incapacidade de responder tais perguntas. Por serem temas delicados, muitas pessoas preferem manter-se no anonimato, ou como se dizem por aí, no armário. Na pesquisa realizada com as idosas em 2011, muitas delas referiam à sexualidade como algo restrito a genitália; alegando que não tinham mais relação sexual e por isso seria difícil responder as perguntas, ou que não tinham parceiros e que nessa idade elas não poderiam contribuir com muita coisa, afirmando que nessa idade não se tem sexualidade, ao contrário da atual pesquisa, a qual os participantes não se opuseram a essas indagações.

A partir de então, passa-se a questionar o espaço ocupado por esses participantes no espaço social e os fatores que influenciam ou influenciaram na construção da psique humana. A indagação dessa pesquisa aponta para a construção da minha própria subjetividade. Os relatos sobre as experiências de vida foram contados a um entrevistador de dentro da circunstância a qual os entrevistados estão inseridos, sendo assim, muitas das questões abordadas nesta pesquisa expressam sentimentos de quem está familiarizado com o contexto social e cultural dos participantes pesquisados. O mundo e a formação do pesquisador estão amplamente implicados ao cenário, e os fatores abordados nesta dissertação fazem parte de reflexões conhecidas, socializadas e, muitas vezes, comuns no âmbito da relação entrevistador e entrevistado. Mota (2011) citado por Bourdieu (2003, p.19) guiam este trabalho ao se referir onde o condutor da pesquisa mais expõe seu produto também é mais semelhante, pois oferece uma relação na qual há um maior proveito da discussão. O autor destaca que a subjetividade do pesquisador com o tema proporciona um novo olhar para as discussões, pois é a intimidade desse interesse que o faz ser compreensível de um estado passível de apreensão como tal, e observa singularidades ainda não percebidas. Essa familiaridade permite a facilidade do encontro com o pesquisado, mas também promove o risco de se naturalizar o seu universo, aspecto que exige equilíbrio

psíquico e cuidados teórico-metodológicos para não se aventurar nos próprios valores e crenças. Bordieu (2003) citado por Mota (2011).

Na busca por conhecer a fundo o tema estudado, as dificuldades encontradas não foram obstáculos para que a pesquisa fosse realizada. A procura por participantes aconteceu de diversas maneiras, através de redes sociais como facebook, bate papo no site da UOL e idas em boates. Este momento foi de crescimento pessoal e profissional propiciando o privilégio em conhecer diversas pessoas que de uma forma ou de outra me ajudaram no processo de encontrar os participantes. Em contato com uma ONG LGBT, a responsável disse que poderia ajudar, porém gostaria de saber o que iríamos desenvolver com os participantes e se teria continuidade no trabalho, a ela foi explicado que os participantes ajudariam na evolução da sociedade, contribuindo na possibilidade em quebrar ou diminuir os tabus e preconceitos para desmitificar a percepção que muitas pessoas criaram a respeito dos temas sexualidade, homossexualidade e velhice, e que assim eles poderiam encontrar um meio que pudesse dar voz a outras pessoas.

Como ainda não era conhecido o caminho a ser tomado, não houve insistência, pois a responsável mantinha certa resistência ao dizer que as pesquisas aproveitam dos participantes e depois não dão respaldo as pessoas, aproveitam da situação sem dar *feedback* do projeto ao qual eles foram envolvidos, certamente não lhe é tirada a razão dela, infelizmente no meio acadêmico, os artigos, dissertações e teses ficam amarelando e empoeirando nas prateleiras das universidades, sendo utilizados por uma pequena população de acadêmicos ou estudiosos, por outro lado as pesquisas dão voz aos participantes para expressarem seus sentimentos, desejos e fantasias.

De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES] (2014), o Mestrado Profissional (MP) é uma modalidade de Pós-Graduação *stricto sensu* voltada para a capacitação de profissionais, nas diversas áreas do conhecimento, mediante o estudo de técnicas, processos, ou temáticas que atendam a alguma demanda social. Ainda nos diz que o trabalho final do curso deve ser sempre vinculado a problemas reais da área de atuação do profissional-aluno e de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, podendo ser apresentado em diversos formatos.

Com esse intuito será apresentado o resultado deste trabalho, não apenas em formatos acadêmicos, mas com o desejo de contribuir com os participantes e

outras pessoas que poderão conhecer esta pesquisa, não apenas me atentando ao referencial teórico sem ao menos perceber a construção da singularidade de cada participante, o pesquisador usará, por convicção, apresentar às pessoas um trabalho de fácil acesso e interesse, pensando nisso será apresentada uma cartilha virtual em um site que desenvolvido pelo pesquisador. A finalidade do site é agrupar pessoas de diversos contextos para trocaram experiências e testemunharem suas vivências sobre sexualidade, porém o nome do site tem um nome bem sugestivo www.sexualidadeemnos.com.br, perfazendo as dimensões da sexualidade e não a restringindo em um único caminho de vivenciá-la.

Uma das frustrações foi entrar em contato com uma Assistente Social de uma cidade do interior de São Paulo, e ela relatar que *não tinha nenhum homossexual nas instituições, ou melhor, nunca trabalhamos esse assunto dentro das casas de acolhimento. E caso tenha interesse em pesquisar esses assuntos, teria que encaminhar um projeto para Secretaria da Educação*. Hoje, com a ajuda de muitos envolvidos e principalmente do orientador e professor Fábio, podemos apresentar novas possibilidades que não sejam descartar os participantes, e sim, apresentar um projeto que subsidiam a contribuir na progressão da sociedade e principalmente de cada participante da pesquisa. Há um compromisso em reencontrar os participantes e apresentar o trabalho desenvolvido com a participação deles. Acredita-se que uma das peças principais desse acontecimento foram os participantes, por isso ao escolher em direcionar a entrevista, o pesquisador optou por ir pessoalmente até o local combinado, e para justificar o contato próximo a intenção foi observar às expressões emitidas durante as entrevistas para compreender os relatos em suas análises.

O intuito dessa pesquisa é abrir possibilidades para que a sociedade seja mais tolerante, caracterizada pela diversidade de culturas, valores e crenças. E num futuro próximo possamos gozar dos mesmos direitos de ir e vir que são atribuídos a todos os cidadãos, sem ter o medo de ser o que realmente é. Um ponto importante é que a história constitui as pessoas e as pessoas constituem a história, mesmo que os condicionamentos produzem os habitus. Nesta perspectiva, Bordieu (2009, p.87) citado por Mota (2011) coloca em questão a análise dos habitus individuais inerentes as trajetórias sociais, cujas experiências anteriores e as novas realizam integração comum aos membros de um mesmo extrato social definidos pelas dimensões de classe, geração, gênero, etnia. Nesta perspectiva é possível analisar a forma de vida

individual, o registro particular que todos os produtores de um mesmo habitus carregam.

Devido à complexidade que o tema sexualidade apresenta, optou-se por fazer uma contextualização do desenvolvimento humano e um breve resgate sócio-histórico sobre as variadas concepções de velhice, sexualidade e homossexualidade, na tentativa de esclarecer a temática e proporcionar discussões acerca do objeto e objetivo da pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO HUMANO

No que se trata do desenvolvimento humano a contextualização se dá na compreensão de reconhecer que o desenvolvimento não se limita à infância e adolescência, mas abrange todo o ciclo de vida do ser humano, e que, por outro lado, não há só um caminho, mas sim múltiplos caminhos possíveis de desenvolvimento, os quais se acentuam progressivamente com o avanço da idade.

No tema sexualidade faz referência à construção sócio-histórica do conceito de sexualidade em diferentes povos, partindo dos povos primitivos, na idade Antiga e Moderna, na Grécia, nos povos Romanos, no período do Renascimento e o pensamento da atualidade através de estudos empíricos sobre a sexualidade. Utilizamos o referencial de Foucault (1988) e Gesser (2010), para definir o conceito sexualidade como construção social e como ela se transforma em cada momento histórico. Apresentamos estudos empíricos sobre a percepção de adolescentes e de idosos em relação à sexualidade e como é a descoberta da própria sexualidade, além dos aspectos que definiam o termo para cada população estudada. Os estudos empíricos proporcionaram visualizar a semelhança em pensar a sexualidade no contexto do idoso e do adolescente, a qual muitos conceituam e restringem a sexualidade à genitália.

Do ponto de vista metodológico, é importante destacar que a pesquisa tem cunho qualitativo, buscando apreender os significados compartilhados nas relações humanas, e que formam padrões de conduta em determinados contextos sociais. Além disso, é necessário apreender de que forma cada indivíduo singulariza os aspectos disponíveis no meio social, ao introjetá-lo. Desta forma, esta abordagem contribui significativamente no esclarecimento dos processos sociais que permeiam essas relações e o modo como as participantes da pesquisa atribuem sentidos pessoais às experiências sociais que interferem na construção da subjetividade.

Para analisarmos a construção da subjetividade, percebemos que em meados do século XX, Erikson inicia sua teoria psicossocial do desenvolvimento humano, repensando vários conceitos de Freud, considerando o ser humano como um ser social, antes de tudo, um ser que vive em grupo e sofre a pressão e a influência deste, e que a vida e os valores de uma pessoa só podem ser compreendidos se

considerarmos o contexto histórico de sua existência. Sendo assim, nesta perspectiva compreende-se o ser humano em seus diversos fatores biopsicossocial.

De acordo com Cória-Sabini (2009) os estudiosos do desenvolvimento também estão interessados na relação entre o tempo e a existência humana, procurando descrever e explicar as mudanças que ocorrem nos modos de pensar, sentir, e agir ao longo da vida. Embora todos conheçam os períodos utilizados pela sociedade para demarcar a existência humana, o início e o término de cada fase do desenvolvimento, observamos que cada um tem uma percepção do que é ser velho para uma criança, o que poderia ser velho é uma pessoa de trinta anos, e para o adulto, velha é uma pessoa com mais de sessenta anos e para uma pessoa com sessenta anos, a velhice é um estado de espírito ou o começo de um fim.

A autora supracitada diz que para entender o comportamento de um indivíduo particular, em qualquer etapa do desenvolvimento, é necessário conhecer não apenas as mudanças cognitivas, psicológicas e biológicas que ocorrem, mas também o impacto que uma tem sobre as outras e o que cada uma interfere na percepção da outra.

Segundo Fonseca (2009), muitos estudos sobre o desenvolvimento humano se deram a partir do início do século XX, enfatizando o desenvolvimento de crianças e adolescentes, e com o passar do tempo estudos sobre adultos e idosos. Assim, permitiu adquirir conhecimentos suficientemente vastos para que, em poucas dezenas de anos, se tenha alterado substancialmente o modo como encaramos o desenvolvimento psicológico do ser humano. Durante a primeira metade do século XX prevaleceram concepções que restringiam o conceito de desenvolvimento ora à sequência crescimento-estabilidade-declínio, ora aos períodos da infância e da adolescência. Ao longo da segunda metade do século foram emergindo concepções de natureza multidisciplinar que refletiam conceitos diferenciados de desenvolvimento.

Com a expansão das abordagens em psicologia do desenvolvimento, os conceitos permitiram reconhecer que o desenvolvimento não se limita à infância e adolescência, mas abrange todo o ciclo de vida do ser humano, e que, por outro lado, não há só um caminho, mas sim múltiplos caminhos possíveis de desenvolvimento, os quais se acentuam progressivamente com o avanço da idade.

À medida que as pessoas envelhecem, os seus trajetos de vida vão-se individualizando cada vez mais, quer devido ao cruzamento de variáveis de ordem

física, orgânica, social e psicológica, quer devido à influência exercida por toda uma série de acontecimentos de vida que vão marcando os seus comportamentos e seus traços de personalidade (Fonseca, 2005).

Para alguns autores, o desenvolvimento supõe a passagem de determinado estágio para outras fases com transformações individuais. Partindo desse pressuposto, convém salientar, todavia, que as transformações que caracterizam o desenvolvimento humano precisam acompanhar um conjunto de fatores que sejam considerados mudanças satisfatórias no desenvolvimento, seguem algumas definições.

De acordo com Clarke-Stewart, Perlmutter e Friedman (1988),

O desenvolvimento está intimamente ligado à ocorrência de mudanças de uma forma: sistemática (não aleatória), permanente (não temporária), progressiva (não regressiva), estável (não flutuante), que ocorre ao longo de um certo período de tempo da vida de uma pessoa (não apenas numa hora) e relacionada com a idade e com a experiência acumulado no decorrer da vida.

Partindo desses conceitos, é perceptível que o desenvolvimento supõe a ocorrência de mudanças, o que origina as mudanças, logo, o que causa o desenvolvimento? Os pesquisadores interessados no estudo das funções do desenvolvimento humano frequentemente oscilaram entre posições extremas, situando o desenvolvimento ora como um produto de forças internas e inatas, ora como um produto de forças externas e ambientais. Esta visão dicotômica, hoje no essencial ultrapassada (Overton, 2006), foi sendo progressivamente suprida por perspectivas em que o desenvolvimento é visto como interativo marcado por continuidades e descontinuidades, sujeito a múltiplas forças internas e externas que, em conjunto, criam uma variedade imensa de trajetórias desenvolvimentais (Lerner & Walls, 1999).

Nos últimos anos, o conceito de desenvolvimento tem evoluído no sentido de conferir uma atenção cada vez maior às perspectivas que defendem o papel ativo do indivíduo na construção da sua própria subjetividade, quer influenciando-o diretamente (por exemplo, pela realização de escolhas, preferências ou alternativas), quer fazendo-o de forma indireta, ao criar ou mudar os contextos onde esse desenvolvimento se autua. Uma visão desta natureza leva a encarar o ser humano como um sistema altamente complexo, onde se interligam dimensões de ordem

biológica, cognitiva, emocional, relacional e social, um sistema que apesar de sujeito a uma evolução regular e progressiva não está confinado a uma meta desenvolvimental pré-determinada.

3 SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO

“Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”.

Paulo Freire

A velhice, por ser um processo natural de modificações, traz a necessidade de adequações físicas, do papel sócio-familiar, da capacidade intelectual e da vivência da sexualidade. É importante compreender o passado e fazer frente a todas as transformações que diferenciam a velhice (Capodieci, 2000).

É nítido que com o avançar da idade algumas alterações estruturais e funcionais que se encontram no processo de envelhecer sejam naturais. No entanto, esse processo tem sua singularidade e especificidade individual, norteando manifestações diferentes em cada pessoa (Cruz & Ferreira, 2011).

A velhice é um tema de difícil entendimento que abarca questões mitológicas, contendo preconceitos e tabus. Quão dirá a sexualidade vivenciada por pessoas idosas, que são restritas de expressarem seus sentimentos, desejos e fantasias. Covey (1989) comenta que inúmeros mitos, atitudes sociais e estereótipos negativos são atribuídos aos idosos, mas os mais intensos são aqueles ligados à sexualidade, dificultando qualquer manifestação desta área em suas vidas. Com uma visão limitada, tanto em relação à velhice quanto à sexualidade, a sociedade rotula este momento da vida como um período de assexualidade. Vale ressaltar a importante descoberta de Sigmund Freud (1969), que desmistifica a assexualidade da criança, provando a existência da sexualidade na fase infantil do ser humano. A visão assexuada do idoso nos faz analogicamente lembrarmos da assexualidade atribuída à criança e compreender os aspectos atribuídos aos idosos, que mitificam essa fase. Covey (1989) salienta que as crenças ocidentais sobre a assexualidade do idoso estão sendo sustentadas desde a Idade Média, ao disseminarem que o apetite sexual desaparece com o envelhecimento, que o sexo é perverso na velhice e que os idosos que tentavam praticá-lo sofriam auto interceptação pelas dificuldades oriundas da idade. A fase do idoso, de certa forma, vem sendo compreendida como um período de “não sentir”, do “não desejo”, do “não querer”, entre outros rótulos que o pensamento social costuma legitimar.

A velhice é vista como um período de androginia. Dessa forma, o indivíduo teria que exclusivamente assumir o papel de avô, ou de avó, ao lhe ser delegado

pelos filhos o cuidado de seus netos, na perspectiva de os monitorarem enquanto, simultaneamente, realizam atividades como fazer tricô e assistir à televisão, usufruindo sua aposentadoria (Risman, 2005).

A crença no declínio da atividade sexual na velhice e a incapacidade de se inventar formas de rever a sexualidade nessa fase da vida tem contribuído de forma nefasta para que não se dê atenção satisfatória a uma das atividades que mais contribuem para a qualidade de vida dos idosos. É um equívoco compreender o período da velhice como uma etapa assexuada da vida, sendo um preconceito amplamente difundido.

Consoante Jahoda e Ackerman (1969):

Preconceito (pré-conceito) é, em seu sentido etimológico amplo, o termo que se aplica às generalizações categóricas que, fundamentadas numa experiência incompleta dos fatos, não leva em conta as diferenças individuais. Todos nós prejudicamos continuamente, a respeito de muitos assuntos, e essas generalizações redundam numa economia de esforço intelectual. Pois bem, o processo de formação de preconceitos encerra o perigo do pensar estereotipado; este só se distingue daqueles por seu maior grau de rigidez. O preconceito aparece quando os fatos não estão ao nosso alcance, enquanto que no pensar estereotipado os fatos não contam, mesmo quando os tenhamos à mão (p. 26).

Assim, faz-se necessário ter conhecimento de como os idosos percebem e vivenciam a sexualidade, buscando informações que poderão subsidiar os profissionais de saúde, com vistas ao planejamento de ações específicas e objetivando a atenção integral do idoso. Além disso, ao buscar conhecer o que os idosos pensam acerca da sexualidade na velhice, pode-se ampliar as perspectivas sobre o tema e proporcionar intervenções junto a este contingente populacional.

Segundo alguns antropólogos, as relações entre homens e mulheres, no que se refere à sexualidade e suas regras, inicia-se nos povos primitivos. De acordo com Branden (1982), nas tribos primitivas, as relações entre os sexos não eram mantidas com o intuito afetivo ou pelo desejo de ter o outro para si, e sim para estabelecer uma unidade com o propósito de sobrevivência física.

Branden (1982) nos relata a não objetividade do vínculo afetivo nas tribos primitivas; o Homem era submisso às necessidades básicas da tribo, voltado à mentalidade tribal. Contudo, não tinha valorização nos aspectos individuais, sobretudo no que se refere às tramas amorosas (Risman, 2000). Branden (1982) ainda afirma que diversos outros pesquisadores como Hunt, Mead e Taylor,

constatarem a existência de grupos que valorizavam a desvinculação afetiva em suas comunidades. Diante dos estudos feitos por esses autores, percebe-se, que nos povos considerados primitivos, permanece um receio muito maior em relação ao envolvimento afetivo do que em relação ao desempenho sexual (Risman, 1996).

Segundo Branden (1982): “A mentalidade tribal, antiga ou moderna, tende a olhar o amor romântico como socialmente subversivo, como algo que ameaça o bem-estar da tribo, ou seja, da sociedade” (p. 22). É uma visão que poderá ser comparada com os dias atuais, diante dos estados autoritários e das ditaduras do século XX, o descaso pelo desejo do cidadão em possuir uma vida particular, com liberdade de expressar suas relações sociais, políticas e afetivas (Risman, 2000).

Na Grécia, a valorização era marcada pela beleza física, um ponto central de devoção e idolatria no que diz respeito à sexualidade. A mulher na sociedade era vista de forma desvalorizada e grande parte do seu tempo era gasto em seus afazeres domésticos, sem direito a educação formal, sem informações políticas e seus passeios eram com acompanhantes. O contato com outros homens era bem restrito, sendo apenas com seu marido e parentes. Com a valorização da beleza física, mais uma vez, na história da civilização, a regra do desempenho sexual entre a população excluía os idosos, como na Idade Média, quando se propagou a idéia de que o objetivo do exercício sexual – a procriação – não poderia ser realizado pelos mais velhos (Risman, 2000).

No período romano, muitas vezes o casamento era realizado por interesses políticos ou econômicos, acontecendo entre os indivíduos que pertenciam à classe da população livre de Roma, e a outra parte rotulada como não-livre, não tendo preocupação com contratos convencionais, pois não seria necessário dividir futuramente as posses. A esposa era quem administrava os afazeres de casa e era responsável pela educação dos filhos. A mulher adquiria bens materiais cedidos pelos esposos como roupas, jóias, objetos para a residência, maquiagem, entre outras. Em relação ao divórcio, acontecia de forma que as mulheres poderiam alegar que as relações com o marido eram maçantes, e os homens poderiam acusá-las de imoralidade, extravagâncias, futilidade ou motivos de envelhecimento feminino. O envelhecimento feminino, provavelmente poderia atrapalhar o convívio do casal e seu desempenho sexual. Assim, é pertinente perceber a desvalorização da mulher em relação ao seu processo de envelhecimento e a importância da beleza física, a qual é hiper-valorizada até os dias atuais (Risman, 2000).

Com a dominância da Igreja, foi produzido um conceito de amor altruísta e não sexual, o amor e sexo eram vistos em pólos diferentes; a fonte de amor era Deus e a fonte do sexo era o demônio. Recomendava-se o celibato, como a melhor forma de representar o ideal da moral. O casamento era visto de forma a não viver o pecado carnal e o sexo no casamento era visto como forma de procriação. Isso também dificultou a manifestação da sexualidade entre os idosos, pois o conceito de atividade sexual estava ligado à procriação e não a trocas de afetividade (Risman, 2000).

Iniciou-se uma fase de negação e moralização da sexualidade, que se estendeu por toda Idade Média. A Igreja Medieval proclamava que os assuntos relativos à moral estavam dentro de sua contenção, definindo o que era comportamento sexual adequado (Risman, 2000). Segundo Covey (1989), os escritores do começo da Idade Média estudaram a bíblia com interesse de achar algo que viesse a reforçar seus pensamentos repressivos sobre o sexo, mas verificaram que a bíblia apresentava ambigüidade sobre este assunto. Procurando reforçar os seus pensamentos, os trabalhos de Santo Jerônimo (342 d.C. 420 d.C.) foram de grande importância para a história até o século XIX.

São Jerônimo, nascido em 340 d.C., conhecido como escritor, filósofo, teólogo, exegeta e doutor da Igreja, afirmou que a idéia do celibato era o ideal para a vida de um Homem, e aqueles que não conseguiam vivenciar o celibato poderiam manter atividades sexuais com a finalidade de procriar, pois só assim a atividade sexual era aceita. Segundo Covey (1989), com uma visão de sexo tão repressiva, a igreja da Idade Média estipulou que “a maioria das relações sexuais eram desviantes e as consideraram como pecados contra a natureza” (p. 93). Segundo Covey (1989), a resposta a esta questão foi que “Deus estava punindo-os por práticas sexuais pecaminosas e que este pecado deveria ser reprimido” (p.94). Através do sentimento de culpa do povo pelas atividades sexuais, a Igreja iniciou a repressão sexual, servindo como motor primário deste movimento. Diante dessas repressões, constituiu-se como política algumas normas e ideias de comportamento sexual para a sociedade ocidental da época, principalmente através de punições das atitudes e práticas prestigiadas como desviantes. Com isso, a atividade sexual desempenhada pelos velhos nessa época, era considerada como algo negativo e demoníaco, tendo em vista que o coito e o desejo sexual não eram aceitos pela Igreja (Risman, 2000).

No Período do Renascimento, conhecido como o século das luzes, surge o desenvolvimento científico na história do Ocidente. O pensamento racional passou a nortear os modos de conhecimento do mundo natural, social e humano. O renascimento deu grande ênfase à matemática e às ciências da natureza e a busca da verdade passou a estar ligada a procedimentos científicos. Neste momento histórico, houve grande desenvolvimento de áreas como a medicina e a fisiologia, uma vez que a queda do poder da Igreja permitiu aos cientistas a dissecação de corpos e um conhecimento mais preciso do corpo humano. A partir de então, tudo que fugisse ao padrão normatizado era tido como falha na engrenagem biológica. O desenvolvimento científico também pode ter contribuído para visão da velhice como fase assexuada, uma vez que nesta fase da vida a máquina-corpo humano está entrando em declínio do ponto de vista biológico.

Por conta dos tabus, preconceitos, rótulos e mitos estabelecidos ao longo da história, a sociedade contemporânea enfrenta hoje dificuldades em lidar com a questão da sexualidade, principalmente no que se refere ao idoso. Como influência dos séculos passados, ainda permanece com grande força e negatividade a manifestação do desejo ou da atividade sexual.

No entanto, Capodieci (2000) relata:

Na idade avançada se ama de maneira mais profunda, consegue-se purificar o amor da paixão, sendo mais sensual do que genital. Os idosos falam mais facilmente a linguagem do coração com palavras mais sinceras e espontâneas e com silêncios mais carinhosos. Assim, para eles, um olhar ou uma carícia podem valer mais do que muitas declarações de amor. (p.231).

Mesmo com as transformações recentes nas diversas áreas: social, médica e política, os preconceitos em relação ao desempenho sexual precisam ainda ser discutidos e analisados, visando uma abertura social para vivências e invenções de formas de se viver a sexualidade na fase da velhice. Tratar deste tema é importante também para minimizar o sentimento de culpa que muitas vezes os velhos sentem pelos seus desejos e fantasias sexuais (Risman, 2000).

Diante do que foi explanado, é importante valorizar o significado singular atribuído por pessoas idosas às mudanças decorrentes do processo de envelhecimento em seu modo de pensar, de agir e de questionar, e como a sexualidade se apresenta em sua existência. É fundamental também compreender o

processo de explicação e quais informações são difundidas em relação à sexualidade do idoso, apreendendo algumas representações sobre o tema que poderá contribuir com a compreensão das crenças e tabus sobre este assunto tão cheio de estereótipos e preconceitos, sensibilizando a comunidade em relação à valorização do idoso enquanto alguém que vivencia, racionaliza ou reprime a própria sexualidade.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o período de 1975 a 2025 é considerado a Era do Envelhecimento, pois nas últimas décadas observou-se um avanço no processo de envelhecimento demográfico. No período de 1970 a 2000, os países em desenvolvimento atingiram um crescimento de 123%, no que se refere ao envelhecimento populacional, e os desenvolvidos 54% (Siqueira, Botelho & Coelho, 2002).

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a expectativa de vida aumentou para 73,1 anos e a projeção é alcançar a média de 81,2 anos em 2050. Isso se deve aos avanços da medicina, que aumenta a expectativa de vida ao nascer, estimando-se o crescimento e envelhecimento da população.

O censo de 2010, divulgado pelo IBGE, aponta que a população brasileira com 65 anos de idade ou mais, que era de 4,8% em 1991, passou para 5,9% em 2000 e chegou a 7,4% em 2010. São projeções sobre o crescimento expressivo da população idosa brasileira, população que merece cada vez mais o interesse da sociedade em geral, visto seu avanço, para a construção de um padrão de vida que lhe seja adequado no que se refere a qualidade de vida.

Dessa forma, os idosos tornam-se alvo de pesquisas das mais diversas áreas do conhecimento e as questões sobre a velhice versam sobre aspectos históricos, culturais, políticos, sociais e econômicos.

De maneira simples, a velhice pode ser definida como um fenômeno biológico, um processo natural que acontece a todos os seres vivos, sendo que o declínio irreversível, tanto físico quanto mental, de um indivíduo, expressa-se como uma consequência da passagem do tempo. Esta compreensão encontra-se na literatura da área médica geriátrica, que define a velhice por meio das características vistas no corpo do indivíduo, pois a vivência primeira da velhice se dá no corpo. Porém, o corpo por si só não revela a velhice, mas sua estigmatização, causando inquietações sobre o “ser idoso” (Mercadante, 2005).

Foucault (1988) afirma que a sexualidade humana não deve ser concebida somente como um dado da natureza que o poder tenta reprimir, mas deve, sim, ser encarada como produto de encadeamento da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, da formação dos conhecimentos, do reforço dos controles e das resistências. As sexualidades são, assim, socialmente construídas.

Gesser (2010) também afirma que a concepção vigente que caracteriza o conceito de sexualidade é de origem histórico-cultural. A sexualidade é socialmente construída a partir dos processos de assimilação de cada pessoa, sendo mediadas pelas semelhanças de gênero, pelos valores, relações de poder, regulamentos e normas sociais, que se transformam em cada momento histórico.

Não há uma sexualidade posta como “exclusivo” ou mesmo como único “paradigma”, mas sim diferentes perspectivas que variam conforme as situações socioculturais próprias do contexto.

Segundo Silva (2008), é importante destacar a importância da religião no que tange à orientação para a sexualidade de cada contexto cultural. No mundo ocidental, a cultura judaico-cristã exerce forte influência nos comportamentos relativos à sexualidade. Consequentemente, a sexualidade só pode ser conhecida se reconhecidos seus vieses pautados nos valores, problemas, medos e conflitos provenientes do âmbito religioso.

A igreja, como instituição religiosa, cumpriu historicamente seu papel conservador dos valores sociais, por intermédio da impregnação do medo religioso, do pecado. Ela tentou manter a vergonha ligada a tudo que se relacionasse a sexualidade; defendendo a manutenção da virgindade feminina e a aceitação da relação sexual somente após o casamento, instituindo, dessa forma, o controle da sexualidade feminina (Ressel & Gualda, 2003).

No contexto atual, verifica-se a convivência entre diversos paradigmas anteriores no que tange às práticas sexuais, mantendo-se ainda primordialmente a repressão do desejo, e a focalização da vivência da sexualidade nas trocas genitais. Estudos atuais tratam deste tema, destacando a maneira como a sociedade atual o concebe, nos estudos empíricos sobre a sexualidade pode perceber.

4 HOMOSSEXUALIDADE

De acordo com Guimarães (2009) o primeiro registro que possuímos acerca da homossexualidade data de 4500 anos antes de Cristo, ocorrendo entre Oros e Seti, na sociedade egípcia. Ela sempre existiu, em todos os povos e nos mais diferentes *status* sociais. Podemos ainda citar, o Batalhão dos Amantes, um exército composto apenas por homossexuais na Grécia, nação onde também existiu Alexandre Magno e os grandes filósofos, como Platão e Sócrates, todos homossexuais. Embora a história não tenha dado a devida atenção ao lesbianismo, podemos resgatar dessa mesma época a primeira e mais famosa lésbica da história, a Safos de Lesbos, daí o nome lesbianismo para se referir à homossexualidade de seres humanos do sexo feminino. Considerando que os primeiros registros escritos da história da humanidade datam por volta de cinco mil anos antes de Cristo, eis porque podemos afirmar que a homossexualidade é tão antiga quanto à história da humanidade (Mott, 1994).

A intenção de expor a história da homossexualidade é registrar que a mesma existe desde que o mundo é mundo, perfazendo os diversos contextos da sociedade. Nas últimas décadas, diversas transformações vêm acontecendo nas representações sociais, colaborando na compreensão das práticas e identidades sexuais que vêm sendo observadas. Os principais fenômenos constitutivos dessas mudanças são: a valorização e inserção da mulher no mercado de trabalho, obtendo sua independência, a crise do conceito família nuclear (monogâmica e heterossexual), a compreensão ampla do termo sexualidade não restrita ao conceito de reprodução e uma política de visibilidade da comunidade homossexual.

Para compreender alguns aspectos da homossexualidade, é de suma importância citar alguns autores que relataram como foi a visibilidade da homossexualidade na sociedade contemporânea e quais consequências e dificuldades são enfrentadas na atualidade.

De acordo com Arán e Corrêa citado por Borrillo e Lascoumes (2002) a epidemia da AIDS foi um dos fatores políticos que mais deu visibilidade na manifestação da temática homossexual na contribuição da esfera de saúde pública. Primeiramente, um dos principais conflitos estava relacionado à questão do vírus do HIV que é a sigla em inglês que se refere à imunodeficiência humana, causador da

doença AIDS que ataca o sistema imunológico que por muitos anos foi atribuído como responsável a comunidade homossexual, com isso houve a necessidade de desconstruir a representação da doença como sendo uma “praga gay”. Aquela associação, por um lado, reanimou uma velha concepção de preconceitos contra homossexuais, e, por outro, demonstrou total despreparo por parte dos órgãos de saúde governamentais para lidar com questões relacionadas à sexualidade humana.

Segundo Green (2000), no Brasil houve uma prevalência da visão heteronormativa dos papéis de gênero nos estudos sobre a homossexualidade. Só em 1958 concebeu-se a primeira definição dos homossexuais como um grupo minoritário com uma subcultura própria, diferenciando-se das definições patologizantes da época no Brasil. Já dentro da Psicologia, prevalecem estudos relacionados às atitudes e preconceitos referentes aos homossexuais, havendo ainda poucos trabalhos sobre a compreensão dos mesmos de forma afirmativa, autônoma e positiva.

De acordo com Kaplan e Sadock (2010) alguns estudos feitos em 1948 por Kinsey relataram que 10% dos homens e 5% das mulheres eram homossexuais e que 37% dos entrevistados haviam tido uma experiência homossexual em algum momento de suas vidas, incluindo atividades sexuais adolescentes, estudos feitos na década de 90 restringem essa porcentagem para 2 a 3%.

Por mais que diversas áreas do conhecimento investiguem a homossexualidade, percebemos que nenhuma delas consegue explicar sua origem, apenas especulações que não conseguem suprir essa dicotomia entre homossexualidade e heterossexualidade, vivendo sob a submissão da heteronormativa.

Segundo Kaplan e Sadock (2010), Freud não considerava a homossexualidade uma doença mental. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, escreveu que a homossexualidade é encontrada em indivíduos que não apresentam outros desvios sérios do esperado, e que a homossexualidade certamente não seria uma vantagem, mas não é nada do que se envergonhar, não é um vício nem uma degradação, e não pode ser classificada como doença, podendo ser considerada uma variante das funções sexuais produzidas por certa inibição do desenvolvimento sexual.

A homossexualidade vem sendo objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, sendo a Medicina, Psiquiatria, Psicanálise, Psicologia, Antropologia,

Sociologia e entre outras áreas correlatas estão empenhadas em compreender os fatores que denominariam a homossexualidade. Em 1973, a homossexualidade foi eliminada como categoria diagnóstica pela Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. (CID-10) afirma: “A orientação sexual por si só não deve ser considerada um transtorno”, ela é considerada como mais uma condição da sexualidade humana, e não mais um transtorno patológico (Kaplan & Sadock, 2010).

O Conselho Federal de Medicina apenas em 1985 passou a não considerar a homossexualidade como doença, enquanto o Conselho Federal de Psicologia (CEP) e outras entidades de psicologia não se manifestaram a este respeito até mais recentemente. Mesmo que em 1975 a Associação Americana de Psicologia já tenha situado a homossexualidade dentro das orientações sexuais e não entre os distúrbios e doenças psicológicas, só em 1999 foi promulgada a resolução 001, que estabelece aos psicólogos normas de atuação em relação às orientações sexuais, em que a homossexualidade não é considerada doença, nem distúrbio e os psicólogos não podem trabalhar em propostas de tratamento e de cura da mesma (Lacerda, Pereira & Camino, 2002).

De acordo com Guimarães (2009) nossa sociedade atrelou o conceito de sexualidade ao de gênero e por esse motivo influenciou determinadamente a forma como deveria ser a realização da primeira em função do que é ser homem e do que é ser mulher, o que, via de regra, também é determinada por características biológicas que condicionam as possibilidades físicas de ambos os sexos, as quais são munidas de significados sociais, delimitando os espaços que cada um deve ocupar (Passos, 1999), estabelecendo características no nível social, de comportamento, enfim, de como se deve ser para garantir o estereótipo sexual disponibilizado por uma sociedade sexista, machista e heteronormativa.

De acordo com Cória-Sabini (2012) o ser humano nasce com um repertório inicial de comportamentos e capacidades que irão mediar sua interação com o ambiente, e que ao longo de nossas vidas construímos valores, crenças, conhecimentos populares, religiosos e científicos que nos respaldam para julgar como certo ou errado, verdadeiro ou falso, as quais nos proporcionam juízo de valor. A todo instante construímos valores, percepções e adquirimos conhecimentos que muitas vezes transformam nossa visão de mundo em um mundo singular sem possibilidades.

Sendo assim, com o conhecimento adquirido temos a possibilidade de transformar nossos pensamentos em capital cultural que será importante para analisarmos situações de classes na sociedade para compreendermos quais fatores influenciaram e/ou influenciam na construção de conceitos ditos como único caminho a ser seguido. O termo capital cultural foi criado por Bourdieu para caracterizar subculturas de classes ou de setores de classe para caracterizar as especificidades de gostos, valores, mecanismos psicológicos, etc. No entanto, o conceito capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como uma válvula de poder que equivale e se enfatiza - no duplo sentido de se separar e de ter uma importância especial - com outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Nessa perspectiva, o termo capital está associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos, valores, crenças e atividades culturais distintas de cada grupo. Para Bourdieu existem outros conceitos de capital – como capital econômico, social (os contatos), simbólico (prestígios) que juntos formam ou formariam as classes sociais ou o espaço da relação de poder. Nesta perspectiva, o enfoque será na relação do conceito de capital simbólico que nos possibilita compreender os prestígios que se criaram na cultura da heteronormalidade da sexualidade, corrompendo com a aceitação da homossexualidade; principalmente na terceira idade, tornando os idosos vítimas de dois preconceitos, sendo eles a sexualidade homossexual e a velhice.

Segundo o site PLC 122, nos últimos 30 anos, o Movimento LGBT Brasileiro vem concentrando esforços para promover a cidadania, combater a discriminação e estimular a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A partir de pesquisas que revelaram dados alarmantes da homofobia no Brasil, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), juntamente com mais de 200 organizações afiliadas, espalhadas por todo o país, desenvolveram o Projeto de Lei 5003/2001, que mais tarde veio se tornar o Projeto de Lei da Câmara (PLC) 122/2006, que propõe a criminalização da homofobia. O projeto torna crime à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero – equiparando esta situação à discriminação de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, sexo e gênero, ficando o autor do crime sujeito a pena, reclusão e multa.

Aprovado no Congresso Nacional, o PLC alterará a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, caracterizando crime a discriminação ou preconceito de gênero,

sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Isto quer dizer que todo cidadão ou cidadã que sofrer discriminação por causa de sua orientação sexual e identidade de gênero poderá prestar queixa formal na delegacia. Esta queixa levará à abertura de processo judicial. Caso seja provada a veracidade da acusação, o réu estará sujeito às penas definidas em lei. O texto do Projeto de Lei PLC 122/2006 aborda as mais variadas manifestações que podem constituir homofobia; para cada modo de discriminação há uma pena específica, que atinge no máximo cinco anos de reclusão. Para os casos de discriminação no interior de estabelecimentos comerciais, os proprietários estão sujeitos à reclusão e suspensão do funcionamento do local em um período de até três meses. Também será considerado crime proibir a livre expressão e manifestação de afetividade de cidadãos homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais. Apesar dos intensos esforços e conquistas do Movimento LGBT Brasileiro em relação ao PLC 122, ainda assim, ele precisa ser votado no Senado Federal. O projeto enfrenta oposição de setores conservadores no Senado e de segmentos de fundamentalistas religiosos.

No ano de 1993 a revista *Veja* publicou uma pesquisa mencionando que 36% dos brasileiros não dariam emprego a uma pessoa homossexual – mesmo sabendo que é a mais qualificada profissionalmente para o cargo. Também diz que 56% seriam capazes de se afastar de um colega na mesma condição e segundo o Ibope, 45% seriam capazes de mudar de médico por esse motivo. Dez anos depois, ela publicou uma nova reportagem de capa sobre a vida dos homossexuais brasileiros, revelando que, em 2003, a discriminação sexual resistia, mas já havia sinais de que a luta contra o preconceito atravessava uma fase de transformação significativa. Em vez de manter o confinamento como técnica de defesa, os gays começaram a se expor, a se exhibir, a emergir. Existem algumas indicações concretas dessa nova fase de exposição.

Segundo Peixoto (2000) esta reflexão permite ampliar a análise sobre a sociedade brasileira devido à grande heterogeneidade social e as implicações da forte hierarquização das relações existentes, fato que explicita o quanto os valores implicados pelos modos de vida passaram a ser mais importantes do que a situação de classe.

5 ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE SEXUALIDADE

Alguns autores realizaram pesquisas que propiciaram algumas percepções de adolescentes em relação à sexualidade e como é a descoberta de sua própria sexualidade, além dos aspectos que a definiam. De acordo com Maia (2009) o conceito de sexualidade é amplo e envolve diversas possibilidades como a afetividade, o prazer, o erotismo, um conjunto de valores, de concepções e de atitudes sob a influência de diferentes culturas, considerando os aspectos históricos e culturais, para além da genitalidade.

Freitas e Dias (2010) realizaram uma pesquisa com 12 adolescentes de uma escola estadual de Porto Alegre. Foram realizadas quatro dinâmicas para a coleta de informações. A análise respeitou as etapas do método contextualizado na pedagogia crítico-reflexivo proposta por Freire (1999). As autoras constataram nas oficinas, nas consultas de enfermagem e nas conversas informais, que a temática de maior interesse das adolescentes era a sexualidade. A descoberta da própria sexualidade, o desenvolvimento do corpo, dos relacionamentos, da formação de identidade, gênero e demais aspectos referentes ao tema.

No decorrer das dinâmicas, os adolescentes sentiram a necessidade de definir três termos: sexualidade, namoro e “ficar”. Observou-se que os sujeitos da pesquisa tinham dificuldade de identificar suas percepções e sentimentos sobre sexualidade, não possuindo conceitos formados sobre os temas debatidos. Ao definir a sexualidade, salientam a função reprodutora e de perpetuação da espécie. Sexualidade aparece como sinônimo de fazer sexo e sua definição é referente a biologia dos corpos. As autoras concluem que os corpos são moldados pela sociedade e a concepção dominante da sexualidade está ligada exclusivamente à genitália, afirmando que para que se possa compreender a sexualidade de forma abrangente seria necessário que os sujeitos pudessem expressá-la sem repressões.

Segundo as autoras, a sexualidade é desejo de contato, calor, carinho ou amor. Isto inclui o olhar, o beijar, o autoprazer e a produção de orgasmo mútuo. Ela é um aspecto central da subjetividade humana, abrangendo, além do ato sexual, as identidades, os papéis sociais, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. A sexualidade também pode ser percebida através dos pensamentos, fantasias, desejos, opiniões, atitudes, valores, comportamentos e

práticas nos relacionamentos. A interação dos fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais influenciam as práticas sexuais de cada grupo (Freitas & Dias, 2010).

Para Ressel e Gualda (2003), a sexualidade é um fenômeno que faz parte da vida de todas as pessoas, como um evento universal e, ao mesmo tempo, singular a cada indivíduo, já que é uma elaboração específica. Elas entendem que os corpos são sexuados – já que possuem algumas características e obedecem a leis de funcionamento biológico – porém a construção da sexualidade é um processo complexo, que envolve, ao mesmo tempo, aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais, que carregam historicidade, envolvendo práticas, atitudes e simbolizações.

As autoras realizaram uma pesquisa com um grupo de onze mulheres de uma comunidade rural, no interior do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas e as narrativas foram analisadas qualitativamente, buscando, via a ótica cultural, o significado dos depoimentos.

A sexualidade foi, aqui, contemplada a partir das vivências individuais, dos valores, das crenças, dos mitos e dos preconceitos construídos ao longo da socialização de cada participante. Com isso, a pesquisa mostrou que a sexualidade é uma construção social de cada indivíduo, e que cada participante refere a sexualidade a reprodução e ao ato sexual em si. As autoras concluem que no que se refere à sexualidade, é importante não falar somente de risco e sim de prazeres, não reduzir o ato sexual à reprodução, mas abranger outros aspectos que a sexualidade constitui acerca do toque, carinho, o ouvir a voz, o contato olho no olho, e aspectos que não reduzem à sexualidade à genitália (Ressel & Gualda, 2003).

Outros autores fizeram estudos empíricos para observarem como são compreendidas as concepções sobre sexualidade e como elas são vivenciadas na velhice. As pesquisas buscavam conhecer a história singular de cada participante e aspectos subjetivos na construção da sexualidade.

Coelho (2006) fez uma pesquisa comprometido com a epistemologia qualitativa proposta por Gonzáles Rey (2002), que permite uma visão dialética e complexa da produção de conhecimento. Leva em conta, em sua análise das informações advindas dos indivíduos participantes, que: o conhecimento é uma produção construtivo-interpretativa, a produção tem caráter interativo; e a singularidade tem um nível legítimo de produção de conhecimento. A pesquisa foi constituída por três alunas e um aluno da Universidade Aberta à Terceira Idade

Universidade Católica de Goiás (UCG). Os instrumentos utilizados foram a dinâmica de conversação e o complemento das frases. Seu objetivo geral era produzir conhecimento sobre processos de produção de constituição de sentidos subjetivos da sexualidade na velhice. Com isso, seu objetivo específico era conhecer a história singular de cada sujeito estudado, bem como o contexto social e cultural em que as subjetividades se constituíram. Como principal resultado, observou-se que a sexualidade na velhice está implicada com os sentidos subjetivos gerados pelo sujeito ao longo de sua vida, podendo ser experimentada como: saúde, auto-estima, realização pessoal, afetividade e companheirismo, naturalização do declínio do desejo sexual ou até mesmo exclusão da atividade sexual. Portanto, a autora conclui que a vivência da sexualidade na velhice é um aspecto singular. O estudo possibilitou a compreensão dos processos de produção de sentidos subjetivos da sexualidade, constituídos na história de cada indivíduo participante, como seu modo de ser, pensar, agir, ou seja, sua singularidade. Observou-se que cada participante constrói sua subjetividade a partir das experiências e vivências, sendo que cada uma percebe os aspectos sociais de forma singular, decorrente no processo de produção de sentidos.

Custódio (2008) pesquisou as representações da sexualidade/afetividade em idosos institucionalizados na perspectiva dos cuidadores e dos próprios idosos. O estudo foi constituído por duas amostras, selecionadas por conveniência, que incluíram 6 idosos e 30 cuidadores e funcionários da Residência de Idosos do Centro de Ocupação Infantil (COI) no Pinhal Novo. As entrevistas englobaram questões para caracterização da amostra e outras questões que facultaram informação sobre as representações dos idosos sobre a vida sexual. Os resultados foram analisados através do método qualitativo de análise de conteúdo. A autora concluiu que os idosos, embora se sintam sozinhos, quer pela sua viuvez, quer pelo fato de se encontrarem institucionalizados, não encararam algumas possibilidades de se relacionarem amorosamente com mais ninguém, quer dentro ou fora da instituição. Além dos aspectos mencionados no método qualitativo, é notória a percentagem de idosos que não se pronuncia (positivamente ou negativamente) acerca de determinados temas nomeadamente os que dizem respeito, sobretudo à sexualidade do idoso, podendo, de alguma forma, revelar tabus e preconceitos existentes relativamente ao tema.

Malustro (2009) realizou um trabalho cujo objetivo foi desenvolver uma reflexão sobre o impasse emocional que algumas mulheres na velhice vivenciam quando se vêem diante de uma sociedade onde as representações sociais acerca do envelhecimento feminino renegam o desejo sexual que estas podem sentir. A pesquisa trata de um método reflexivo, com delineamentos bibliográficos e uma abordagem qualitativa. Os dados foram coletados a partir de livros, artigos de internet, monografias e conversas informais, conforme descrito ao longo da pesquisa, com algumas mulheres de faixa etária entre 64 e 76 anos de idade. Para a autora, a pesquisa possibilitou ampliar seu olhar sobre a questão da sexualidade feminina na velhice, sendo a psicoterapia e o trabalho com grupos um caminho de possibilidades para a realização pessoal das mulheres que estão na busca de encontros, informações, relacionamentos e experimentações e, em grupo percebem o quanto pode ser possível descobrir novas possibilidades para sexualidade feminina na velhice. A pesquisa nos revela o quanto à sexualidade é restrito a genitália e a forma que a sociedade determina na construção dos conceitos de sexualidade, restringindo a reprodução e a caráter religioso.

A autora conclui ainda que o desenvolvimento da sexualidade da mulher nesta etapa de sua vida pode ser influenciado pela sociedade em que a idosa está inserida. A intervenção grupal revelou que é possível a mulher manter-se reagindo diante de tantos estereótipos existentes em uma sociedade, a partir do momento em que elas redescobrem que existe a possibilidade de novas potencialidades, estabelecendo novas relações através do seu corpo e expressando suas emoções. Nos grupos aconteciam encontros que as levavam a ter mais consciência de si e do mundo.

Laurentino et al (2006) fizeram uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, desenvolvida com mulheres que freqüentavam grupos focais como técnica de coleta de dados e, para tratamento dos dados foi realizada a análise temática (Minayo, 1996). A autora conclui que emergiu a seguinte temática: namorar é a melhor coisa da vida (é carinho, cuidado, zelo, tempo de rever valores e conceitos, prazer e perigo).

A autora conclui, ainda, que os idosos sofrem inúmeras repressões culturais e preconceitos, porém a discussão é ainda maior quando se aborda a sexualidade. A sociedade designa a mulher e o homem idosos incapazes de exercerem sua sexualidade, ainda que, independentemente disso, o desejo sexual se mantenha

presente em todas as fases da vida. No estudo afirma-se que a afetividade é um determinante ao processo de envelhecer saudável.

A repressão sexual vivenciada na juventude tanto pelas mulheres como pelos homens contou com a prevalência do casamento por apresentação. Quando chegava a hora de o homem se “acomodar”, ele era apresentado a uma moça num baile ou em alguma reunião de família. Ela se casava para conquistar um pouco mais de liberdade e cumprir seu papel de mulher. Era seu dever agradar e servir o marido, desempenhar as tarefas da casa, cuidar bem dos filhos e cumprir com suas obrigações no leito conjugal “[...]. Praticamente não existia nenhum tipo de educação sexual, o que se transmitia era apavorante: os homens eram violentos, e à mulher, restava à opção de submeter-se sem escândalos.” (Frainam, 1994).

Os estudos empíricos no contexto dos adolescentes e dos idosos nos remetem ao reducionismo, sendo a sexualidade restrita a reprodução e ao ato sexual. É de grande valia, profissionais da área de saúde, proporcionar programas de educação sexual para promover saúde mental.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Verificar as concepções e vivências da homossexualidade de pessoas idosas.

6.2 Objetivos específicos

- ✓ Conhecer as representações dos idosos sobre sexualidade e homossexualidade;
- ✓ Apreender as vivências dos idosos que envolvam a sexualidade no âmbito da homossexualidade;
- ✓ Compreender o contexto sociocultural em que os participantes foram formados;

7 METODOLOGIA

A atual pesquisa tem cunho exploratório e foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1999), o desafio do conhecimento é a busca de significados das relações humanas que se formam em determinados contextos sociais e, desta forma, a abordagem qualitativa contribui significativamente no esclarecimento dos processos sociais que permeiam essas relações.

Os pressupostos teóricos da abordagem qualitativa de investigação consideram que todo acontecimento a ser investigado possui uma história, é vivenciado dentro de uma cultura, e de uma dada realidade social. Assim, a pesquisa qualitativa tenta buscar a compreensão dos fenômenos, abordando-os em seu contexto. Os resultados nessa perspectiva são aproximações do real, sempre provisórias.

No entanto, o rigor metodológico e o aprofundamento do estudo teórico são necessidades fundamentais nos estudos qualitativos. Segundo a autora, o “nascimento” dessa metodologia originou do interesse de alguns estudiosos nos problemas sociais de determinadas populações. Assim, a pesquisa qualitativa tem sua origem na Antropologia, que estuda culturas diferentes e grupos isolados.

Desta maneira, realizar uma investigação científica sob o enfoque qualitativo, é de certa forma, assumir uma posição de “estranhamento” *a priori*, para que se possa conhecer o novo, esquecer o “preconceito” epistemológico de um dado fenômeno. Nesse sentido, o ponto de partida da pesquisa qualitativa é descritivo e compreensivo. Esta abordagem tenta compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para as pessoas em situações particulares. Ela difere daquelas utilizadas que estudam o comportamento humano com o objetivo de descobrir “fatos” e “causas”, investigação esta originada do positivismo. Deve-se considerar que as estratégias metodológicas utilizadas na pesquisa qualitativa podem seguir múltiplas opções para que possa proporcionar uma aproximação mais adequada ou abrangente ao tema que será estudado (Silva, 1998).

De acordo com Minayo (1996), os critérios de amostragem numa pesquisa qualitativa implicam mais em um aprofundamento e abrangência de informações obtidas do que quantidade e generalização.

7.1 Participantes e critérios de seleção

Os participantes que aceitaram ser entrevistados foram duas mulheres e um homem, com idade igual ou superior a sessenta anos, pertencentes de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. As entrevistas foram gravadas, mantendo as falas originais dos participantes. De acordo com Manzini (2010) o momento da transcrição representa mais uma experiência para o pesquisador e se constitui em uma pré-análise do material. Dessa forma, principalmente nas entrevistas dos tipos semiestruturada e não estruturada, que são as entrevistas passíveis de serem transcritas, é conveniente que essa atividade seja realizada pelo próprio pesquisador. O pesquisador foi responsável pela integridade, anonimato e bem-estar dos participantes da pesquisa e obteve seu consentimento livre e esclarecido, tratando-as sempre com dignidade, respeitando-as em sua autonomia e defendendo-as em sua vulnerabilidade preservando os aspectos éticos que envolvam as pessoas. Ele também ponderou sobre os riscos e os benefícios de estudo, garantindo que os danos previsíveis seriam evitados, observando sempre a relevância social da pesquisa em termos dos benefícios e vantagens para a sociedade. Ainda, aos participantes, foram assegurados os benefícios resultantes do projeto, além de condições de acompanhamento e orientação. O pesquisador obteve o consentimento livre e esclarecido de cada participante, no início da coleta de dados.

7.2 Coleta de dados

A coleta de dados da pesquisa não se refere ao acúmulo de conhecimentos obtidos e observados durante o processo, mas à descoberta de novos olhares e horizontes sobre a sexualidade humana, mesmo como mediador desse processo, meus próprios valores e minha concepção de mundo não são empecilhos para compreender as construções sociais de cada participante. Segundo Minayo (1999) o desafio do conhecimento é a busca de significados das relações humanas que se formam em determinados contextos sociais, contribuindo significativamente no

esclarecimento dos processos sociais que permeiam as relações. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas semi-estruturada,

8 ANÁLISE DOS DADOS

8.1 História de vida dos participantes

A história de vida é um procedimento de investigação adotado pela Sociologia e pela Antropologia, que consiste, fundamentalmente, numa recolha intensiva de dados de carácter biográfico, sobre uma ou mais pessoas, sendo que o próprio ou os próprios são a fonte principal da informação, embora não necessariamente a única. Do ponto de vista dos fundamentos, esta metodologia de investigação assenta em pressupostos ideográficos, isto é, na valorização do singular, do único, conseqüentemente, do não generalizável, como objeto de estudo. As histórias de vida serão relatadas com nomes fictícios para que não comprometa a integridade do participante da pesquisa.

8.1.1. *Participante 1*

Ana é uma mulher de 61 anos, solteira, frequentou a escola até o 4º ano do antigo ensino fundamental, considera-se católica, mas não praticante, sua profissão é doméstica, mora com uma amiga e não tem filhos. No seio familiar tem mais afinidade com sua irmã caçula, diz que já sofreu discriminação sobre sua condição sexual por parte de sua irmã mais velha, inclusive sua irmã arrumou alguns rapazes para bater nela por causa da sua homossexualidade. Ana sofreu muito, mas hoje em dia sua irmã parece que aceitou sua condição, nas agressões verbais sua irmã dizia: como uma mulher pode gostar de outra mulher, você é uma sapatão e isso é uma vergonha na família. Ana indignada dizia que era assim (homossexual) e que ninguém iria mudá-la. Desde os doze anos de idade Ana se assumiu, e a primeira mulher com a qual teve relações foi com uma menina de sua idade. Naquela época sua família não sabia por que havia discriminações, se nos dias atuais as pessoas são, imagine naquela época! Ana é católica e participa raramente das missas, tem fé em Deus e na Senhora de Aparecida, e diz que Deus é tudo na vida dela; um dia Ana foi à missa e não se sentiu bem ao ser observada por outras pessoas, deu as costas e foi embora. Para ela religião e homossexualidade andam juntas, mas não

precisava ter a discriminação que tem, todo mundo podia ser bem feliz se não houvesse essa segregação. Aos dezessete anos casou-se com João, teve muitas brigas que os levaram à separação. Depois disso tomou raiva de homens e passou a evitá-los, mesmo os amigos não podiam tocá-la. Não sabe o porquê se casou, era muito nova, mas acredita que foi porque a família a obrigou. Hoje em dia trouxe um trauma dessa relação que teve com João. Depois de alguns anos namorou uma mulher por seis anos, dividiam a mesma casa e se davam muito bem. Sua ex-namorada tinha uma filha que não gostava de Ana, quando elas se encontravam uma tinha que sair. Há alguns anos se separaram e o sentimento de Ana é raiva, pois a ex fica com uma de suas amigas, e acredita ser uma vingança por não terem ficado juntas. Além de ter sofrido agressões pelo ex-marido, Ana sofreu agressões por uma amiga que quando bebe fica descontrolada, ela não revidou porque a amiga estava bêbada, de vez em quando Ana bebe algumas cervejas no fim de semana. Hoje em dia Ana está gostando de uma mulher que é casada com um homem. Seus encontros são às escondidas, pois tem medo das pessoas descobrirem e prejudicá-las, já que a outra é casada. Na relação gosta de ser passiva, está muito satisfeita com sua atividade sexual e deseja muito mais. Ana diz que antigamente era muito difícil de encontrar uma parceira, encontrar parceiros era muito mais fácil, porque essa relação podia. Os encontros com a primeira menina se davam nos canaviais, onde elas trabalhavam ou quando uma dormia na casa da outra, as pessoas pensavam que elas eram amigas, e tudo acontecia. Hoje em dia essa pessoa que Ana ficava é mãe e avó, acredita que ela não tenha práticas homossexuais por ser casada e ter filhos e netos. Os lugares que freqüentavam para encontrar os amigos homossexuais eram bares noturnos ou festinhas em casa, sua preferência é por mulheres carinhosas, compreensivas, legais e que sejam acima de trinta anos, gosta também das novinhas, mas para não ter problemas fica com as que podem, não tem preferência por aparência física, para ela o que importa é o amor. Nas situações financeiras ela tomava conta, em outro relacionamento que teve com duração de seis anos também. Sua companheira tinha um filho que a chama de mãe. Ana diz que essa companheira é apaixonada por ela até hoje, mas ela é casada com homem e por isso não estão juntas. Se não fosse casada estariam juntas, ou não, por ela ser muito ciumenta e quando estavam juntas ligava todo instante, sofreram vários preconceitos. As pessoas diziam como duas mulheres podem ter caso e ficarem juntas? Hoje em dia não sofre preconceito em relação à homossexualidade e nem

com a idade, antigamente sofreu muita discriminação. Algumas meninas mais novas ligavam para Ana, querendo ficar com ela. Recebia várias cantadas, uma delas dizia que ela tinha um corpo gostoso e que era maravilhosa. Um dia ela ficou com uma mulher mais nova que dizia que ela era melhor que homem na cama, o que ela fazia um homem não faz. Ana ficava com vergonha, mas gostava. O apoio que tinha de seus familiares era de sua irmã caçula que a orientava para ter cuidado com as que fossem casadas porque é perigoso e se fosse fazer algo que fosse bem escondido. Ana não aceita ter relacionamentos sérios com mais pessoas envolvidas, tem ciúmes e gosta da pessoa só para ela. Já aconteceu de outra pessoa roubar sua companheira. Nos seus relacionamentos até hoje - transou com dois homens e cinco mulheres, nunca usou camisinha com mulheres, só com os homens, não tem nenhum problema de saúde – o único problema é que já caiu e afetou o braço e a coluna. Fez os exames de rotina e não tem diabetes e nem colesterol alterado. Não tem preocupação com a estética do corpo, a única preocupação que tem é ficar doente numa cama e dar trabalho para os outros cuidarem, acredita que não são todas as pessoas que tem paciência para cuidar. Gosta de tudo em seu corpo e não tem nada que não goste. Faz caminhada e bebe bastante água. Já fez uma cirurgia no braço e outra aos 27 anos para tirar o útero devido ao mioma após uma gravidez. Fez uso de maconha uma vez que uma colega a ofereceu, a única droga que faz uso é da bebida alcoólica e do cigarro. Nunca frequentou psicoterapia, mas que naquele momento estava bom colocar as coisas para fora, mesmo não sendo atendimento psicoterapêutico. Nunca usou nenhum tipo de estimulante sexual. Tem medo da morte mesmo sabendo que a morte é o caminho para qual nós iremos. Sua descoberta em que é homossexual foi desde criança e quando teve sua primeira relação aos doze anos com outra mulher. Para Ana a expressão sair do armário é uma coisa livre que você se sente bem. Participa da cultura homossexual, frequentando as paradas gays e acha muito bom, pois lá tem liberdade de ficar com as pessoas na frente de qualquer um, nunca assistiu nenhuma programação para glbts. Em relação ao vírus HIV, teve apenas uma amizade com um rapaz por muitos anos, mas hoje não tem mais contato. Na época ela ficou muito preocupada com essa doença desconhecida e que não sabia que antigamente e até hoje muitas pessoas associam a doença aos homossexuais. Até hoje não tem conhecimentos sobre o vírus e a doença, até o momento não fez nenhum teste de HIV. Ana se acha uma pessoa boa e brava, gosta das coisas muito certas e é inflexível com horário.

Nunca participou de grupos da terceira idade, mas tem vontade, mesmo não tendo grupos específicos para homossexuais. Não faz distinção entre a idade e sua homossexualidade, é tudo igual e normal. Para ela sexualidade é sexo, e as pessoas aceitem como são. Nós nascemos homossexuais e não nos tornamos.

8.1.2 Participante 2

Tereza é uma mulher de 60 anos de idade, estudou o ensino fundamental completo, solteira, considera-se católica e sua profissão é secretária doméstica. Mora com uma amiga tem um filho e dois netos. Tereza relata que não tem afinidade específica e que se dá muito bem com todos da família. Sua irmã mais velha com seu cunhado quisera cuidar do seu filho quando ele nasceu, pois tinha que trabalhar. Com o passar do tempo eles conseguiram a guarda com autorização judicial. Nessa época sofreu muito, mas sua mãe disse que seria melhor, pois eles falavam que Tereza não tinha condições para cuidar dele. Perguntei se fora por causa da homossexualidade e ela disse que não tinha nada a ver. Nunca sofreu discriminação por parte da sua família, às vezes alguma brincadeira que sua irmã fazia em dizer que não se conformava em ver uma mulher ficando com outra mulher, ela falava na brincadeira. Ninguém da sua família falava nada, não a criticavam, acredita que eles aceitavam e aceitam numa boa. Tereza sempre foi discreta, mas teve uma vez que fez uma besteira, deixando claro para todos que era homossexual. Na época estava se relacionando com uma moça e ela a traiu. Chegou em casa e mandou bala, não queria atirar para matar, apenas deu um tiro em cada uma, e graças a Deus nenhuma morreu, com esse episódio respondeu por dois anos e meio um processo judicial que conseguiu responder em liberdade, todo mês comparecia a delegacia para assinar uma documentação de liberdade. O ocorrido foi em 1997 e respondeu o processo em 2002, conviveu com isso por anos a fio e o que acarretou foi arrependimento, e se a companheira tivesse falado sobre a traição elas teriam terminado tranquilamente como terminou com outras, por fim disse que a traição dói muito, que é muito difícil conviver com isso. Tereza relata que é católica e que não frequenta as missas, gosta de frequentar as caminhadas de peregrinação. Sua fé é em Deus e na Senhora de Aparecida. A religião é tudo em sua vida e Deus é tudo, acredita que a religião é muito importante na vida das pessoas. Não participa de nenhuma pastoral dentro da igreja, não sabe o que responder em relação a

homossexualidade e religião, acredita que o papa atual está dando visibilidade para a homossexualidade, em suas palavras ele disse que quem era ele para condenar um homossexual, percebe que antigamente não tinha essa abertura, era preconceito para todos os lados, e ainda hoje vê nas ruas as pessoas falando discretamente. Certa vez Tereza estava lavando a calçada quando uma mulher passou com seu marido e se referiu a ela como “aquela mulher é sapatão”, Tereza não escutou o que ela disse, mas sua vizinha escutou e a contou, sua vizinha ouviu o marido dizer que era para a esposa tomar cuidado com o que estava falando, porque se Tereza escutasse poderia dar problemas. Ela disse à vizinha que era para ter falado na hora, por que se ela tivesse falado Tereza perguntaria o que a mulher tem contra a pessoa ser homossexual, apenas gritou e acho que o casal escutou e depois disso eles nunca mais passaram na sua porta. Relata que o preconceito é algo ruim e infelizmente é o que mais tem. Suas primeiras relações aconteceram com oito anos de idade, com uma mulher de dezoito anos, tudo começou com uma brincadeira, dormiam juntas na casa da sua avó e um dia passou a mão nela, eram vizinhas e as coisas foram acontecendo, só se acariciavam, pois não tinha consciência do que realmente era o ato sexual. As relações de Tereza duravam no máximo quatro anos, teve várias parceiras, mas nunca passaram de quatro anos. Uma de suas relações foi muito conturbada, Tereza batia na companheira e a companheira batia em Tereza, eram socos e mordidas, isso era freqüente. Em uma dessas agressões a companheira a mordeu no braço e no pescoço, fazendo um buraco, Tereza dizia que a companheira era maluca. Sobre as traições as pessoas sempre falavam, mas ela não queria acreditar. Hoje Tereza está se relacionando com outra pessoa e esta tentando, mas tem medo, pois essa atual é um caso antigo da pessoa na qual divide a casa que mora, mas pensa que se não deu certo com ela, tem que partir para outra, e já que as duas estavam livres, aconteceu, e já saíram por duas vezes e disse que foi bom, e entre ela e a companheira que divide a mesma casa nunca aconteceu nada, nenhum sentimento além da amizade. Tereza encontra as parceiras em discotecas e bailes, não costuma frequentar boates gls, foi apenas uma vez, mas não para pegar, só paquerar. Em festas acontecia muita paquera, conversavam durante uma semana e depois acontecia a relação sexual “era muito bom, alias, acontece até hoje”. Em relação à sexualidade hoje em dia Tereza diz que esta meio devagar, pois tem medo de tudo que já aconteceu, tem uma insegurança, pois a relação não é algo garantido “quando você está com a pessoa e muita das

vezes você dá as costas ela já está com outra pessoa, e muitas das vezes, geralmente, elas colocam um homem no lugar, é muito difícil”. As pessoas na relação homossexual são traiçoeiras, perguntei se achava isso só das mulheres ou dos homens também, disse que já foi trocada por homem e não por outra mulher, e que em toda relação acontece isso, independente de ser homossexual ou heterossexual, com isso o medo de ficar, depois da traição não tem mais coragem de encarar. Perguntei se na relação entre duas mulheres existe ativa e passiva, ela acredita que sim, pois não gosta que fiquem fazendo as coisas com ela, prefere fazer, e sua estratégia para conquistar as parceiras sempre foi à paquera, sempre teve preferência pelas loiras e magras. Nos relacionamentos sempre tomou conta do financeiro, pegava o dinheiro pagava as contas, ajudava no aluguel, fazia compra no supermercado, pagava a energia. As companheiras também realizavam essas tarefas, mas a maioria das vezes era ela, ganhava um pouco mais, tinha dois empregos, no trabalho as pessoas ficavam olhando e comentando, algumas pessoas tiravam até sarro, mas não dava motivos para falarem dela, sempre achou que um relacionamento é para duas pessoas e não para todo mundo ver. “Para sair na rua abraçando, beijando, ainda mais na minha idade, pensa pra você vê – o que que o povo vai falar? Que seria uma pouca vergonha”. Adoraria se a relação homossexual fosse vista de maneira diferente pela sociedade, acha maravilhoso o contato “hoje eu vi duas meninas, são novas e devem ter a mesma idade, elas estavam de braços dados na rua. Achei lindo aquilo, pensei comigo, olha que coragem, eu já não tenho essa coragem e nunca tive de pegar e abraçar e beijar. E elas estavam juntas, moram juntas, estavam numa boa”. Achou maravilhoso, dizendo que se fosse mais nova faria o mesmo, já morou com mulheres na mesma casa, algumas tinham filhos e nunca teve problemas. Tereza acha que as pessoas já nascem homossexuais e não que se tornam homossexuais, pois desde criança já tinha atração por mulheres. Suas brincadeiras sempre foram voltadas para brincadeiras de menino, bolinha de gude, jogar bola, nunca se interessou por boneca.

Sobre a relação a três ou mais, não gosta, mas já participou para ajudar uma amiga, foram para um motel e ficou com a amiga, o homem que pediu para ter mais uma mulher, quando terminou foi embora, não quis ficar, não viveria uma relação a três, não aceita. Tereza já teve relações com mulheres de varias idades, diz que isso não tem idade, mas tem preferência pelas mulheres com mais de 40 anos, por

serem mais velhas acredita que tenham mais responsabilidade, mais respeito e não vai ter traição. Sobre sexo seguro e uso de camisinha Tereza diz nunca ter usado, com mulheres não tem como e sua única vez com homem não usou, estava alcoolizada e com isso veio à gravidez. “Eu estava num clube e pedi para ele me levar em casa, estava bêbeda, saí do clube 2 horas da manhã e ele me chamou 6 horas da manhã, aí lembrei que eu tinha saído às 2 horas, eu não me lembrava de nada, se você me perguntar se foi bom ou sei foi ruim, eu não sei te responder, se tive prazer ou não”. Problemas de saúde Tereza só têm a pressão alta, está satisfeita com o corpo, não mudaria nada, e fisicamente gosta de tudo, não vê problemas com a idade, não encontra limitações, a alimentação é normal, só não pode abusar do sal por conta da pressão que é controlada com remédios, nunca fez uso de drogas, já teve oportunidades, mas nunca teve vontade, fuma e bebe cerveja, nunca fez psicoterapia dizendo não precisar, tem medo de doenças graves, mas diz não ter medo de nada. A morte para Tereza é natural, é para todos, tem consciência que pode acontecer a qualquer momento “andando pode dar um enfarto e morrer”.

Tereza se descobriu homossexual percebendo o seu gosto por coisas masculinas e pelo acontecimento quando tinha oito anos, não sofreu nenhum preconceito com conta disso; frequenta a parada gay, diz ser o único lugar específico para a homossexualidade, gosta e diz se sentir a vontade “você beija, pode agarrar, e está todo mundo no mesmo barco, ninguém fica com preconceito e nem olhando para que o outro esteja fazendo”

Sobre homossexualidade e AIDS Tereza acha grave, que a pessoa portadora do vírus deve ter consciência, se prevenir para não passar para outras pessoas, acredita que muitas pessoas não têm essa consciência, e que não é dos homossexuais que vem a AIDS e sim das drogas, seringas e relações sem preservativo “Por isso que eu acho que a gente não deve sair catando qualquer coisa que parece pela frente, eu não sou uma dessas. Pra sair com uma pessoa você tem que conhecer. Eu já caí assim, sem pensar, mais é difícil, não consigo encara qualquer coisa assim não.” Nunca fez teste de HIV, um amigo distante faleceu por conta do vírus e outro está vivo.

Perguntei o que Tereza achava dela mesmo, não sabia explicar, disse ser legal, e chata quando bebe cerveja e as pessoas vem falar alguma coisa; não participa de programas da terceira idade, algumas vezes vai ao baile da terceira

idade e acha maravilhoso, lá não sofre preconceito, esta entre amigos, e que ela lembra não tem nenhum homossexual no grupo da terceira idade. Tereza acredita que todos deveriam sair do armário, já viu várias situações que as pessoas ficam criticando quem não está mais e a própria pessoa esta dentro do armário “Tem que ter coragem e liberdade”. Quando perguntado o que é sexualidade, Tereza disse que alguma coisa não sabia responder, mas que sexualidade era ter sexo com outra pessoa.

8.1.3 Participante 3

Pedro, 61 anos, solteiro, católico, mora sozinho, estudou até o ensino fundamental, atualmente é secretário do lar. Em sua relação familiar Pedro tem mais afinidade com sua mãe, são dez irmãos, e tem mais contato com um irmão, que não tem receio da vida que leva. Já com os outros irmãos sofre discriminação, eles o achavam diferente, não tinham muito contato, não sofreu nenhum abuso da família, mas de um vizinho, criticando ele para sua mãe, dizendo se ela não sentia vergonha de ter um filho homossexual.

A prática homossexual começou quando tinha sete anos, com um homem mais velho, moravam em uma fazenda, os dois queriam, mas quando seus pais perceberam queriam denunciar o homem por abuso, e sua prática com o sexo oposto foi com 22 anos, percebendo que isso não era para ele. A principal relação conjugal foi quando casou e durou um ano e nove meses, depois não teve mais nenhum contato com homem nem com mulher. Quando fez 22 anos sua mãe o levou para a igreja evangélica, dizendo que Deus iria fazer uma obra na sua vida, mas não queria frequentar, casou-se com uma mulher, mas não deu certo e divorciou, a partir desse momento disse que iria viver sua vida e mostrar quem realmente é. Desde criança tinha o desejo de mostrar seu lado afeminado, mas respeitava os pais, hoje frequenta a igreja católica, onde encontra momentos bons que fica livre das coisas ruins desse mundo. Pedro não tem namorado, mas tem um relacionamento escondido há seis anos com um homem casado, diz querer ter um amante ao seu lado e não um rapaz solteiro, pois o rapaz solteiro não saberá respeitá-lo, prefere homens mais velhos, pela experiência, e acredita que os mais novos só querem abusar, acabando com a vida dos homossexuais e fumando maconha.

Há sete anos Pedro sofreu violência, morava em uma casa de aluguel e a porta não fechava, estava dormindo um homem entrou o abraçou, e o violentou com o controle da televisão, levantou correndo e pediu para o homem sair da sua casa, após esse dia passou a ter mais cuidado com a sua segurança.

Para encontrar seus parceiros havia um código entre eles, muitas vezes a troca de olhar ou conversavam para marcar o encontro, faz uso de preservativos, na relação ele é passivo, em relação a problemas de saúde tem pressão nas vistas, e sua preocupação é ficar dependente de alguém por problemas de saúde, se preocupa muito com a saúde e prevenção. Sua alimentação é controlada e balanceada por ter ácido úrico, não faz uso de medicamentos e já fez cirurgia nas vistas e hemorróida. Não usou drogas, só a bebida, psicoterapia não faz, pois na cidade é difícil conseguir, tem medo de ser atropelado e depender de alguém. Tem medo de morrer e de moto taxi, seu divertimento é ir a barzinhos tomar cerveja, não frequenta boates, tem a preocupação de pegar uma doença frequentando esses lugares. O sexo é bom, mas tem que se prevenir, já viu muitas pessoas sofrendo com AIDS. Em relação à agressão, Pedro sofreu quando começou a usar roupas femininas, alguns moços o agrediram no forró, deixando somente de calcinha, uma amiga o ajudou. Após o ocorrido só conseguiu sair de casa depois de um ano, e a população começou a ver como normal, muitas pessoas discriminavam, e por ser homossexual e usar roupas femininas muitos achavam que ele usava drogas. Nunca frequentou movimento gls, acredita que nesses movimentos tem muitas pessoas curiosas que só estão lá para tirarem sarro da cara deles, prefere ficar em casa a passar por isso. Pedro não se acha melhor e nem pior do que ninguém é mais ele, não se colocando pra baixo para ser humilhado e nem lá em cima para ser exaltado, gosta de mostrar quem é, e sair do armário é um privilégio, bem melhor do que ficar guardando, e sexualidade é sexo.

9 RESULTADOS E DISCUSSÕES

"Quem nunca se sentiu excluído jamais conhecerá o que um excluído sente, tão pouco o que ele pode fazer com esse sentimento horrível."

Renato Dias Martino

9.1 Informações sócio-demográficas

As características pessoais dos entrevistados estão expostas no quadro abaixo, descrevendo aspectos sociais, econômicos, familiares

Quadro 1 Perfil dos entrevistados

Participante	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Filhos	Netos	Religião	Profissão
Ana	61	Ensino Fundamental incompleto	Divorciada	0	0	Católica	Do lar
Tereza	60	Ensino Fundamental	Solteira	1	2	Católica	Secretária Doméstica
Pedro	61	Ensino Fundamental	Divorciado	0	0	Católica	Secretário Doméstico

Fonte: Dados da pesquisa

Os três participantes entrevistados têm idade igual ou superior a sessenta anos, sendo solteiros e dois divorciados, uma delas tem uma filha e dois netos, os três com ensino fundamental incompleto, católicos, porém não praticantes. Uma é do lar e os outros dois são secretários domésticos.

9.2 Discussões dos dados da entrevista

Os resultados obtidos serão apresentados através de relatos, com as falas na íntegra das transcrições e a análise dos dados será apresentada por meio de

categorias analíticas e empíricas, organizadas em um único corpus, elencadas na seguinte ordem:

Categorias:

1 Sexualidade

1.1 Definição

1.2 Vivência atual

1.3 Percepção de si

2- Homossexualidade

2.1 - Descoberta/sair do armário

2.2 - Discriminação

2.3 - Influências religiosas

9.2.1 Sexualidade

9.2.1.1 Definição

Nesta categoria serão discutidas as questões que envolvem a definição dos participantes sobre esse tema, as dificuldades vivenciadas e o contexto atual de sua sexualidade.

Como pode ser observado na história de vida de cada participante, é perceptível que cada um definiu sexualidade a partir de um ponto de vista ou de uma maneira, o que aponta para o fato não haver um significado social consensual para o tema. Este aspecto pode ser verificado na literatura e, segundo Gesser (2010) diversas concepções são verificadas, determinadas pelo contexto histórico-cultural. Não existe uma definição padronizada, nem uma única forma de exercê-la, mas diversas perspectivas se produzem na singularidade de cada pessoa. No entanto, estas possibilidades individuais se situam em um contexto social que fornece as possibilidades de apropriação. Para os três participantes o termo sexualidade está relacionado ao ato sexual.

Observa-se ainda, que somente uma entrevistada definiu a sexualidade de maneira mais ampla, como pode ser verificado a seguir:

[...] sexualidade é sexo, é as pessoas aceitarem a gente como é. (Ana)

Mesmo não tendo consciência em sua fala, de que sexualidade é as pessoas aceitarem a gente como é, percebemos a prevalência de que a sexualidade é designada ao ato sexual.

Os outros dois participantes definiram a sexualidade como:

[...] sexualidade é ter sexo com outra pessoa. (Tereza)

[...] sexualidade é sexo. (Pedro)

Percebe-se nos dados obtidos, que a maneira predominante dos participantes definirem sexualidade é restringindo-o ao ato sexual, e não outros aspectos que a sexualidade constitui, como o toque, carinho, o ouvir a voz, o contato olho no olho e outras formas que a sexualidade possa ser exercida.

Tal como refere à literatura (Risman, 2000; Vasconcelos, 1994) a sexualidade na velhice, como em qualquer fase da vida, é uma conjunção entre as representações sociais e a maneira individual como cada indivíduo a capta e transforma. Ela pode ser vista desde os simples gestos, até os mais expressivos. Vasconcelos (1994) afirma que o amor e o sexo podem significar muitas coisas para as pessoas de terceira idade como: oportunidade de expressar afeto, admiração e amor; afirmação do corpo, seu funcionamento. O sexo ativo prova para os idosos que seus corpos ainda são capazes de funcionar bem e causar prazer. Além disso, a sexualidade é uma das formas pelas quais as pessoas percebem suas identidades e o impacto que causam nas outras pessoas. Sentir-se “feminina” ou “viril”, está ligado a sensações muito valorizadas pelas pessoas. Reações negativas deprimem e desestimulam as pessoas de mais idade, podendo fazer com que desistam por completo de sua sexualidade. Ela pode ser vista, ainda, como proteção contra a ansiedade – a intimidade e a proximidade trazem segurança e significado para a vida das pessoas, principalmente quando o mundo ameaça com riscos e perdas. Há também o prazer de ser tocado ou acariciado, é comum viúvos (as) relatarem como

sentem falta de prazeres simples e do calor da proximidade física, de serem tocados (as), abraçados (as) e acariciados (as).

Também, Coelho (2006) reitera que:

A sexualidade na velhice está implicada com os sentidos subjetivos gerados pelo sujeito ao longo de sua vida, podendo ser experimentada como: saúde, auto-estima, realização pessoal, afetividade e companheirismo, naturalização do declínio do desejo sexual ou até mesmo exclusão da atividade sexual. O processo de desenvolvimento da sexualidade na velhice é singular independentemente da idade que estes possuem.

9.2.1.2 Vivência atual

Nessa categoria os participantes relataram como vivenciam sua sexualidade na atualidade - dos três participantes, dois relatam que tem uma vida ativa e que estão envolvidos com pessoas casadas, apenas Teresa por ter vivenciado algumas frustrações com os relacionamentos anteriores relata que está meio devagar, mas nem por isso não deixa de vivenciar sua sexualidade.

De acordo com Covey (1989) inúmeros mitos, atitudes sociais e estereótipos negativos são atribuídos aos idosos, mas os mais intensos são aqueles ligados à sexualidade, dificultando qualquer manifestação desta área em suas vidas. Com uma visão limitada, tanto em relação à velhice quanto à sexualidade, a sociedade rotula este momento da vida como um período de assexualidade.

[...] você precisa de ver o que é de menininha nova que liga pra mim. (...) hoje em dia fico com uma mulher que é casada com homem.(...)gosto de ir nas paradas de gays aqui da minha cidade, todo mundo fica muito a vontade, lá não tem preconceito e todo mundo lá igual.(Ana)

[...] tenho uma pessoa que tenho rolo ha seis anos. (...) ele é casado com uma mulher, e ele tem ciúmes de mim. (...) ir as paradas é muito gratificante, lá podemos beijar normalmente (Pedro)

[...] meio devagar, eu tenho medo de tudo que já aconteceu comigo – pensando vou ficar assumir algo, não sei, não é algo garantido, por que quando você está com a pessoa e muita das vezes você dá as costas ela já está com outra pessoa, e muitas das vezes, geralmente, elas colocam um homem no lugar, é muito difícil (...) Nas paradas a gente fica mais tranquilo, ninguém vai te condenar pelo que você está fazendo. (Teresa)

A velhice é vista como um período de androginia. Dessa forma, o indivíduo teria que exclusivamente assumir o papel de avô, ou de avó, ao lhe ser delegado

pelos filhos o cuidado de seus netos, na perspectiva de os monitorarem enquanto, simultaneamente, realizam atividades como fazer tricô e assistir à televisão, usufruindo sua aposentadoria (Risman, 2005).

Embora muitos considerem uma fase assexuada, o que percebemos é que os participantes relatam uma vida ativa e com muita perspectiva de vida, os três participantes relataram que freqüentam paradas gays e isso representa uma sexualidade ativa, lembrando que a sexualidade não se restringe a atos sexuais, por isso, essa categoria representa a vivência atual de forma ampla, percebendo as facetas de uma sexualidade saudável.

9.2.1.3 Percepção de si

Embora os participantes tenham sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação, é perceptível em seus relatos que eles não têm percepções negativas de si quanto à sexualidade. A velhice, por ser um processo natural de modificações, traz a necessidade de adequações físicas, do papel sócio-familiar, da capacidade intelectual e da vivência da sexualidade. É importante compreender o passado e fazer frente a todas as transformações que diferenciam a velhice (Capodieci, 2000).

[...] acho que eu sou uma pessoa boa, sou brava e gosto das coisas muito direito, é meu jeito de ser assim, acho que é por que eu gosto das coisas muito certas, eu não gosto de mentiras, eu gosto de andar com minhas coisas muito certinho (Ana)

[...] acho que sou legal, às vezes meio chata quando tomo cerveja (Teresa).

[...] não sou nem melhor e nem pior que ninguém, eu sou mais eu do que alguém, não me coloco nem lá embaixo para ser humilhado e nem lá em cima para ser exaltado. Eu gosto de mostrar quem eu sou, humilde, calmo, pacífico e tenho paciência (Pedro).

De acordo com Cruz e Ferreira (2011) é nítido que com o avançar da idade algumas alterações estruturais e funcionais que se encontram no processo de envelhecer sejam naturais. No entanto, esse processo tem sua singularidade e especificidade individual, norteadas por manifestações diferentes em cada pessoa no seu desenvolvimento biopsicossocial.

9.2.2 Homossexualidade

9.2.2.1 Discriminação

Nesta categoria serão discutidas as expressões que são difundidas na comunidade homossexual sobre o “sair do armário” e como foram suas descobertas em relação a sua sexualidade, as discriminações vivenciadas, se houve influências religiosas ao não revelar sua homossexualidade e se com as construções da subjetividade precisou de profissionais específicos que ajudassem na elaboração de suas vivências.

Nesta categoria descrita, as discriminações familiares que os participantes do estudo participaram relatam terem vivenciado essa questão em suas vidas. Embora tenham apresentado certo constrangimento ao relatarem fatos de suas vidas pessoais, nota-se que o conteúdo revelado indica que ao menos com algum familiar a questão da “discriminação e do preconceito torna-se evidente”

[...] houve bastante discriminação por parte de minha irmã mais velha, ela não aceitava e inclusive arrumou alguns caras para me bater. (...) Como assim uma mulher gostar de outra mulher, mulher sapatona é a vergonha na família. (...) até hoje a gente é discriminado, quando a gente vai ao banheiro a gente é barrado (Ana).

[...] às vezes tem algumas brincadeiras de minha irmã que fica falando que não se conforma de uma mulher ficar com outra mulher. (...) um dia uma mulher disse perto de uma vizinha: ela é sapatão. (...) Na sociedade sempre tem preconceito, eles ficam olhando, comentando e tem gente que tira até sarro (Teresa)

[...] sofri preconceitos com meus irmãos, eles me achavam diferente da família. Às vezes eles conversavam comigo muito pouco. Eu fiquei afastado da família para eles entenderem, hoje eles entendem (Pedro)

Por conta dos tabus, preconceitos, rótulos e mitos estabelecidos ao longo da história, a sociedade contemporânea enfrenta hoje dificuldades em lidar com a questão da sexualidade, principalmente no que se refere ao idoso. Como influência dos séculos passados, ainda permanece com grande força e negatividade a manifestação do desejo ou da atividade sexual.

9.2.2.2 Sair do armário

A expressão “sair do armário” não é uma característica apenas das vidas de pessoas homossexuais. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas homossexuais, por mais corajosas

e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma segurança de aceitação, impedindo a presença formadora desse conceito.

Nos relatos abaixo percebemos o quanto a sociedade, familiares e instituições corroboram para a determinação da sexualidade, os três participantes relataram que tiveram relações sexuais com parceiros do sexo oposto, impostos a acreditar que a única forma de vivenciar sua sexualidade seria seguir os conceitos de uma vida heteronormativa.

[...] quando me assumi, eu tinha doze anos. A primeira mulher que eu peguei ela tinha treze anos. (...) Fui obrigada a casar com um homem, quando eu me casei não gostava de homem, eu via uma mulher e interessava. (Ana)

[...] Acho que a gente nasce, porque desde pequena eu já tinha esse interesse e isso comigo de eu olhar para as mulheres, vontade de ter uma mulher do que um homem, sempre - desde criança eu tinha esse interesse. (...) sempre interessei por brinquedos masculinos e nunca por brinquedos femininos. (Teresa).

[...] Eu desde que era mais novo, tive um sonho de mostrar quem era minha pessoa. (...)O homossexual é muito perseguido vinte e quatro horas por dia, a pessoa que falar para você que não é perseguido ela está mentindo, ele perseguido na hora que está dormindo e até a hora de trabalhar. A crítica é muito (*sic*) (Pedro)

Sair do armário, ou sair-se do aprisionamento interno a qual somos impostos a acreditar, o que não é, de forma alguma, algo fácil de fazer, pois vivemos em uma sociedade heteronormativa, machista e preconceituosa, que ao mesmo tempo é demagoga e hipócrita, faz com que grandes conflitos sejam construídos na subjetividade do ser humano. Infelizmente algumas famílias não aceitam, e o não aceitar acaba gerando um problema maior, o que será deste jovem, para onde ele irá? Que rumo ele irá tomar na vida? Por isto a informação é importante, amar os filhos incondicionalmente é importante; é da família que vem o afeto, o alicerce da vida; é na infância e adolescência que se formam o caráter. Buscar ajuda para compreensão, não repreender seu filho, para que ele possa ser um adulto saudável.

9.2.2.3 Influências religiosas

Risman (2000) relata que com a dominância da Igreja, foi produzido um conceito de amor altruísta e não sexual, o amor e sexo eram vistos em pólos diferentes; a fonte de amor era Deus e a fonte do sexo era o demônio.

Recomendava-se o celibato, como a melhor forma de representar o ideal da moral. O casamento era visto de forma a não viver o pecado carnal e o sexo no casamento era visto como forma de procriação. Isso também dificultou a manifestação da sexualidade entre os idosos, imaginem na homossexualidade, pois o conceito de atividade sexual estava ligado à procriação e não a trocas de afetividade.

Os participantes relatam crer em Deus e professam sua fé nos seguimentos da igreja Católica Apostólica Romana, porém não freqüentam a religião, uma das participantes relata que sofreu preconceito ao entrar na igreja com o julgamento de olharem de cima a baixo.

[...] tenho minha fé em Deus e na nossa senhora aparecida. De vez em quando eu freqüentava uma missa, mas quando eu entrava as pessoas ficavam olhando de cima a baixo, então eu saía e ia embora (Ana)

[...] Não vou direto a missa, mas quando dá eu vou, quando tem caminhada de peregrinação eu vou. Creio em Deus e em Nossa Senhora Aparecida, sou apaixonada nela. Qual é a importância da religião na sua vida? A religião pra mim é tudo, em primeiro lugar de tudo é Deus, por isso que eu acho que a religião é importante. (...)vi uma entrevista do papa Francisco dando apoio, ele falou sobre gay, eu não sei as palavras que ele usou, mas ele não condenava, e dizia que quem era ele para condenar um gay, acho que a relação agora está sendo boa, porque antigamente não era boa não, era preconceito por todo lado, e tem muito disso até hoje (Teresa)

[...] minha mãe é super evangélica, aí minha mãe quis me levar para igreja para virar crente. Aí eu falei, aí mãe eu não quero ir para a igreja. Ela falava – vamos para a igreja para Deus fazer obra na sua vida. Aí eu falei não mãe, mas comecei a participar de outra igreja, e eles não aceitam homossexual lá na igreja, eu fui pastor me batizou e disse que eu iria ficar liberto, mas eu lá dentro dei um de crente, mas lá fora eu continuava fazendo tudo que eu fazia. Lá fora eu não era, aí teve um dia que o pastor me falou assim – eu vou ter que te afastar da igreja porque você está fazendo as coisas erradas, até você se arrepender, aí eu afastei da igreja por três anos e ele fez acompanhamento comigo e uma mulher, só que não deu certo (Pedro).

Um assunto atual foi que em 2013 o papa da igreja Católica manifestou sua tolerância em relação aos homossexuais na Igreja Católica, ao questionar diante de jornalistas "Quem sou eu para julgar os gays? Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?", afirmou o Papa durante a entrevista concedida aos jornalistas que o acompanhavam no voo de volta à Itália depois da visita de uma semana ao Brasil, surpreendendo boa parte dos vaticanistas presentes. (AFP, 2013).

Para Aurélio Mancuso presidente do Equality Italia, católico e representante do movimento homossexual italiano - as palavras pronunciadas pelo Papa são muito importantes do ponto de vista do estilo, porque, depois de tantos anos de insultos

lançados pela Igreja Católica, se reconhece que não devem discriminar ou marginalizar essas pessoas.

É perceptível o quanto a igreja tem o papel fundamental na construção e desconstrução de conceitos que possam incutir como verdade absoluta que acarreta estereótipos preconceituosos em relação à sexualidade. No entanto, o relato de uma das participantes nos leva a refletir qual a importância para ela ao ouvir essa declaração do papa, conforto? Igualdade? Ou simplesmente uma declaração que não resultou em significativas transformações?

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como decorrência prática do atual estudo, percebe-se a necessidade de se repensar as conservas culturais para encontrar novas possibilidades de expressar e vivenciar a sexualidade na velhice de pessoas homossexuais, reconhecendo estar esta ligada à libido, ou pulsão de vida, sendo fundamental para o bem-estar psicológico e qualidade de vida do idoso. Segundo Balbinotti (2012) existe um jeito próprio da libido ser vivenciada no adulto maduro, sendo menos genitalizada, mas empregada em termos de sensibilidade artística e sensorial.

Para Mattioda (1998) a sexualidade na terceira idade não é melhor nem pior que a dos jovens; apenas passa por modificações, referentes às experiências acumuladas durante as etapas da vida. A falta de conhecimento dos benefícios dessas experiências leva a que insistam em manter uma expectativa bastante semelhante à de quando eram jovens.

Ainda segundo a literatura (Fraiman, 1994; Laurentino et al., 2006; Malustro, 2009; Custódio, 2008), as pessoas que hoje vivem a sua terceira idade não foram preparadas para uma sexualidade ampla. Este aspecto também foi verificado no atual estudo. Nesse sentido, é importante destacar a necessidade de uma (re)-educação sexual para os idosos a fim de lhes proporcionar qualidade em seus relacionamentos, bem como o resgate de sua afetividade.

Para que as mudanças nas concepções tanto de velhice como fase assexuada, quanto de que a sexualidade se resume a genitália, além da descoberta dos aspectos sexuais negados em si mesmo por conta de uma cultura discriminatória e moralista, é importante que o profissional da Educação e Psicologia forneça instrumentos de intervenção, sendo o grupo um local privilegiado, segundo a literatura (Osório, 2007; Naffah Neto, 1997). Estes grupos atuam no sentido de facilitar a descristalização de padrões e conceitos historicamente construídos, mas que funcionam como algemas que impedem a fruição livre e plena do potencial humano, libertando o fluxo espontâneo e criativo do indivíduo, para que possa recriar-se, ou adentrar em novos processos de subjetivação relativa à sexualidade.

Urge a necessidade de se trabalhar a sociedade e, especificamente, profissionais da saúde para ampliarem o conceito de sexualidade e não reduzi-la ao ato sexual em si, sendo ele parte e não o todo do conceito.

Segundo Westrup e Kutchinsky (1993) em um colóquio de abertura em um congresso internacional sobre sexualidade, uma sociedade saudável implica necessariamente que as vivências relativas à sexualidade se tornem saudáveis. Isto não significa que saúde corresponde ao cumprimento das prescrições contemporâneas quanto ao modus vivendi sexual das pessoas, mas que saúde implica que elas possam descobrir e experimentar seu modo único e singular de vivenciar a sexualidade e, se possível, partilhar suas experiências em grupos, para que as coletividades possam ampliar as referências sociais sobre o tema. Uma sociedade que carrega a sujeira e o pecado no seu arcabouço conceitual sobre a sexualidade impede que a qualidade de vida de seus cidadãos seja plena.

Além disso, é pertinente que se pense de forma interdisciplinar em políticas públicas que atendam às necessidades de transformação e desenvolvimento dos aspectos relativos à vivência da sexualidade na terceira idade, principalmente por aqueles que são homossexuais. Como afirma a Lei nº 10.741 (2003): Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (OSM, 2005).

Por fim, vale destacar que este é um estudo exploratório e, devido a importância do tema tratado e dos resultados obtidos, seria oportuno que fossem empreendidos novos estudos sobre o assunto, aprofundando-o e buscando alternativas de transformação social. A necessidade de aprofundamento se justifica, uma vez que é a sexualidade é ainda difícil de ser abordada por constituir-se sobre inúmeros preconceitos, e que a homossexualidade por ser uma faceta da sexualidade precisa de um olhar afincado para compreensão de uma subjetividade saudável.

Nesse sentido vemos que é comum homossexuais sofrerem exclusão nos dias atuais, como a mídia evidencia diariamente, mostrando que muitos são, inclusive, submetidos a constrangimentos no momento em que expõem sua identidade em determinados locais, ou na presença de determinados grupos, chegando alguns a sofrer até mesmo agressões físicas, e vemos essa exclusão se intensificar nos casos de homossexuais que assumem posturas mais associadas com o feminino, assumindo um gênero discordante com o seu sexo. Tal

multigrupalidade existente nas sociedades contemporâneas engendra múltiplas formas de ser, ver, compreender, representar, praticar, comunicar, vivenciar, enfim, debater a homossexualidade.

REFERÊNCIAS

- AFP. (2013, julho 29). Declaração do Papa Francisco sobre gays gera reações. *G1 Mundo*. Recuperado em 26 maio, 2014, de <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/declaracao-do-papa-francisco-sobre-gays-gera-reacoes.html>
- Balbinotti, H. B. F. (2012). *A personalidade do adulto maduro: reflexões da clínica psicológica*. São Borja: Conceito.
- Branden, N. (1982). *A psicologia do amor romântico*. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Lei nº 10.741* (2003, 1 de outubro). Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Justiça.
- Capodieci, S. (2000). *A idade dos sentimentos: Amor e sexualidade após os sessenta anos*. Bauru: Edusc.
- Coelho, A. V. R. (2006). *O Sentido Subjetivo da Sexualidade na Terceira Idade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, Brasil. Recuperado em 26 junho, 2011, de http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/11/TDE-2007-01-24T132904Z-285/Publico/Ana%20Velasco%20Remigio%20Coelho.pdf
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2014, abril 1). *Mestrado profissional: o que é?* Recuperado em 5 fevereiro, 2015, de <http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>
- Cória-Sabini, M.A. (1997). *Psicologia do Desenvolvimento*. (2a ed). São Paulo: Ática.
- Covey, H. C. (1989). Perceptions and attitudes toward sexuality of the elderly during the middle ages. *Gerontologist*, 29, 9-100.
- Cruz, R. C., & Ferreira, M. A. (2011, janeiro/março). Um certo jeito de ser velho: representações sociais da velhice por familiares de idosos. *Texto & Contexto Enfermagem*, 20(1), 144-151. Recuperado em 26 junho, 2011, de <http://www.scielo.br/pdf/tce/v20n1/17.pdf>
- Custodio, C. M. F. (2008). *Representações e vivências da sexualidade no idoso institucionalizado*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.
- Mota, M.P. (2011). *Homossexualidades Masculinas e a Experiência de Envelhecer*. Tese de Doutorado, Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Fraiman, A. P. (1994). *Sexo e afeto na terceira idade*. São Paulo: Editora Gente.

Freud, S. (1969). *Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901 – 1905)*. (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Kaplan, H. I., & Sadock, B. J. (2010). *Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. (9a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Laurentino, N. R. S; et al. (2006, janeiro/junho). Namoro na terceira idade e o processo de ser saudável na velhice: recorte ilustrativo de um grupo de mulheres. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 3(1), 51-63.

Maia, A. C. B, & Ribeiro, P. R. M. (2009). *Orientação sexual e síndrome de Down: esclarecimentos para educadores*. Bauru: Joarte Gráfica e Editora.

Malustro, A. L. R. (2009, junho). Sexualidade feminina na terceira idade: descobrindo novas possibilidades. *IGT na Rede*. Recuperado em 10 mar, 2012, de <http://www.igt.psi.br/revistas/seer/ojs/printarticle.php?id=1938>

Minayo, M. C. S. (1996). *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. (4a ed.). São Paulo: Afiliada.

Mota, M.P. (2011). *Homossexualidades Masculinas e a Experiência de Envelhecer*. Tese de Doutorado, Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Naffah Neto, A. (1997). *Psicodrama: Descolonizando o Imaginário*. São Paulo: Plexus.

Osorio, L. C. (2007). *Grupoterapias: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artmed.

Peixoto, C. (2000). *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume.

Ressel, L. B, & Gualda, M. R. A sexualidade como uma construção Cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(3), 82-87. Recuperado em 26 junho, 2011, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342003000300010

Risman, A. (1996). *A carruagem da saudade: seremos todos passageiros? O percurso da sexualidade na terceira idade*. Tese de Doutorado, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado em 26 junho, 2011, de http://www.risman.psc.br/pdf/a_carruagem_saudade_%20seremos_todos_passageiros.pdf.

Anexo A

ROTEIRO DE ENTREVISTA TÓPICOS EXPLORADOS NA ENTREVISTA

1- Identificação:

- A) Cidade onde mora?
- B) Escolaridade?
- C) Idade?
- D) Religião?
- E) Profissão?
- F) Composição familiar
- G) Situação conjugal?
- H) Filhos?
- I) Netos?

2- Relação com a família de origem

- A) Interação com a família; membro da família com quem se relaciona com mais afetividade?
- B) Houve discriminação na família? Se sim, por quem?
- C) Como é a aceitação da prática homossexual; cotidiano e pequenos hábitos; histórias pregressas na construção da ideia de homossexualidade - “identificar-se” ou “assumir-se” na família.

3- Prática religiosa

- A) Qual é a interação com a religião?
- B) Tem um ser supremo a qual acredita? Quem?
- C) Qual a importância da religião para a vida?
- D) Qual é a ação/prática religiosa no cotidiano?
- E) Participa em algum grupo religioso?
- F) Qual sua opinião sobre homossexualidade e religião?
- G) E religião e conversão em relação à homossexualidade.

4- Relações sexuais e afetivas

- A) Quais foram suas primeiras relações sexuais?
- B) Primeiras relações homoeróticas.
- C) Principais relações conjugais.
- D) Tempo?
- E) Compromisso?
- F) Qualidade/satisfação/sentimento
- G) Como era os mecanismos de resolução de conflito?
- H) Sofreu alguma violência doméstica?
- I) Homossexualidade e conjugalidade; histórias pregressas no âmbito da sexualidade e do afeto; sexualidade e afetividade atualmente.
- J) Como era encontrar parceiros?
- K) Como é encontrar parceiros (as)?
- L) Roteiros sexuais – contexto da prática sexual ativo/passivo
- M) Locais de interação e sociabilidade para encontrar parceiros; estratégias de abordagens.
- N) Relação de trocas sexuais; perfil de parceiros atraentes sexualmente;
- O) Satisfação afetiva atual?
- P) Divisão de papéis, tarefas domésticas, decisões, aspecto financeiro; motivos de discórdias.
- Q) Influência do preconceito no relacionamento.
- R) Recebia ou recebe apoio da família de origem à relação?
- S) Monogamia
- T) Vida sexual atual; idade da (s) e vida sexual; prática sexual
- U) Sexo seguro/uso do preservativo?

5- Relação com o corpo/saúde

- A) Problemas de saúde? Se sim, quais?
- B) Preocupações com o corpo; imagens de si; o que gosta e o que não gosta no corpo?
- C) Limitações enfrentadas no âmbito da idade; facilidades e dificuldades em relação ao corpo?
- D) Alimentação
- E) Uso de medicação? Quais? Por quê?
- F) Práticas cirúrgicas reparadoras?

- G) Uso de drogas lícitas e ilícitas?
- H) Psicoterapia: fez/faz (como, por que, com quem, linha teórica)
- I) Corpo e sexualidade (libido, medicalização – estimulante sexual)
- J) Sentimentos de medo; relação com a morte.

6- Assunção da homossexualidade

- A) Como identifica sua sexualidade; primeiras relações Homossexuais.
- B) Como se descobriu homossexual?
- C) O que você acha da expressão “assumir-se”?
- D) Sofreu algum preconceito? Se sim, onde e quando?

7- Sociabilidade homossexual

- A) Locais que freqüentou?
- B) Que freqüenta?
- C) Geralmente qual é a idade com a qual você se relaciona

8- Cultura homossexual

- A) Histórias de acesso à cultura gay: programas de rádio; novelas; revistas, filmes; lazer; consumo; distrações.

9- Homossexualidade e AIDS

- A) Impacto da AIDS na vida; histórias relacionadas; perdas; medos; enfrentamentos; entendimentos sobre; participação em movimentos relacionados;
- B) AIDS em função da idade; testagem anti-HIV; experiências afetivas no contexto da AIDS?

10- Homossexualidade e violência

- A) Violência no contexto da prática homossexual; histórias de enfrentamento; histórias relacionadas; violência física e verbal em função da idade?

11- Movimento político gay

- A) Participação em movimento; histórias relacionadas à construção do movimento

B) o que acha das Paradas Gays (participa, por quê)?

12- Imagens de si

A) O que acha de si?

B) Como se denomina em função da idade?

C) Participa de programas da terceira idade (já participou, por que)

D) Qual a relação que você faz em idade e homossexualidade?

E) Idade e atração sexual?

F) Idade e relações afetivas?

G) Idade e preconceito?

H) O que acha da expressão “sair do armário”?

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Alex Eduardo Lemos, sou aluno do curso de pós-graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara) e estou fazendo uma pesquisa com a orientação do professor Dr. Fábio Tadeu Reina com o objetivo de compreender as vivências e as concepções de idosos sobre a sexualidade.

Sua participação será responder a uma entrevista, e suas respostas serão gravadas para que possamos analisá-las posteriormente. Comprometo-me a reservar sua identidade no anonimato. Os dados obtidos através de sua entrevista, quando divulgados, não poderão ser associados a você. O nome de todas as pessoas que participarem das entrevistas jamais será divulgado, de forma nenhuma, nem conhecidas por outras pessoas além do pesquisador.

Todas entrevistas serão identificadas por números e serão gravadas em computador através de código. Caso você aceite participar da pesquisa será solicitado que assine o termo de consentimento para documentar sua decisão. Se no decorrer da entrevista você resolver interromper ou deixar de responder a alguma questão isso será aceito sem que você tenha qualquer prejuízo ou sofra qualquer sanção

Certificado de Consentimento

Eu, _____,
 RG _____, declaro haver recebido os esclarecimentos acima e que pude perguntar e esclarecer minhas dúvidas a respeito do assunto. Aceito participar da pesquisa acima referida, sob a responsabilidade do professor Fábio Reina Tadeu, conforme os critérios apresentados no termo de consentimento, sabendo que minha participação é inteiramente voluntária. Autorizo a divulgação dos dados por mim fornecidos entendendo que eles não poderão ser associados a mim. Entendo que receberei uma copia deste termo assinado pelo pesquisador.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2014.

Assinatura _____ do _____ entrevistado:

Assinatura _____ do _____ pesquisador: